



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Peter Franco de Souza

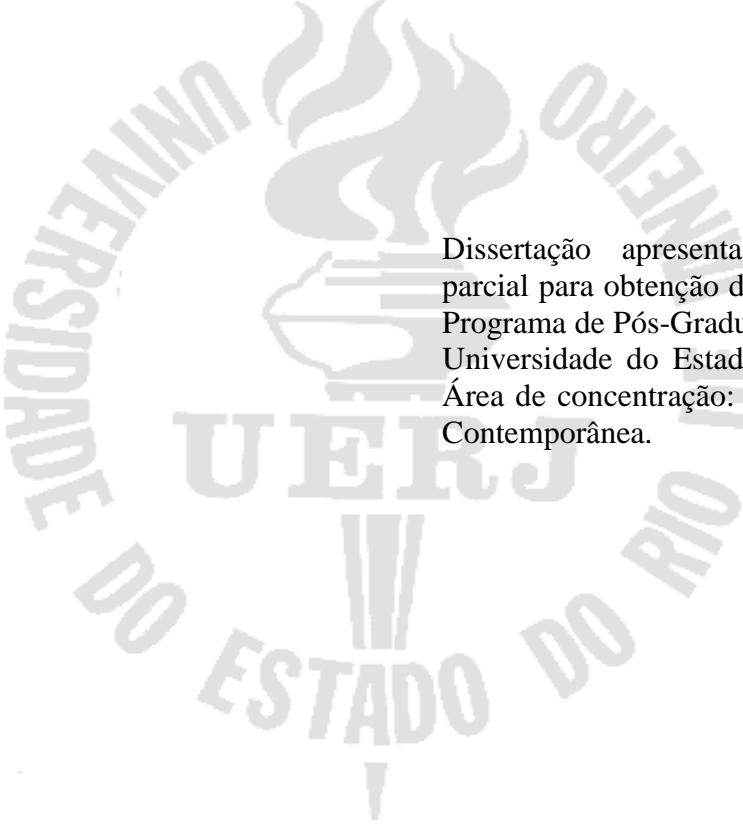
A Existência e o Inefável, considerações sobre o absurdo e a linguagem

Rio de Janeiro

2015

Peter Franco de Souza

A Existência e o Inefável, considerações sobre o absurdo e a linguagem



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientadora: Prof.^a Dra. Izabela Bocayuva

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

S729 Souza, Peter Franco.
A existência e o inefável, considerações sobre o absurdo e a
linguagem /Peter Franco Souza. – 2015.
76 f.

Orientador: Izabela Bocayuva.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Filosofia – Teses 2. Absurdo (Filosofia) – Teses. I.
Bocayuva, Izabela Aquino. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 165.742

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Peter Franco de Souza

A Existência e o Inefável, considerações sobre o absurdo e a linguagem

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 17 de agosto de 2015.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Izabela Bocayuva (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof.^a Dra. Dirce Eleonora Nigro Solis

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Gilvan Luiz Fogel

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

RESUMO

SOUZA, Peter Franco de. *A Existência e o Inefável, considerações sobre o absurdo e a linguagem*. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

No *absurdo* os fatos perdem sua ordinaryidade e ganham um *por quê*, e esta pequena pergunta quase nos deixa inertes, estatelados. Precisamos analisar em que momento da vida de um indivíduo nasceu esta questão e em que momento a corriqueira vida é tocada pelo espanto filosófico. A este fenômeno os pensadores existencialistas dão o nome de angústia. Angústia esta que caminha em direção ao Nada, que é pura possibilidade. Diante da possibilidade o homem encara sua liberdade escolhendo-a. É sobre este processo de singularização e sobre este homem absurdo que ama um mundo absurdo que trataremos em nosso texto.

Palavras-chave: Absurdo. Existência. Albert Camus. Solidão. Poesia.

ABSTRACT

SOUZA, Peter Franco de. *The existence and the ineffable, considerations about the absurd and the language*. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

In the absurd the facts lose their ordinariness and gain a *why*, and this little question almost leaves us inert, shocked. We need to analyze at what moment of the life of an individual was born this issue and at what moment the ordinary life is touched by the philosophical astonishment. To this phenomenon the existentialist thinkers give the name of anguish. Anguish that goes towards the Nothing, that is pure chance. Faced with the possibility, the man sees his freedom by choosing it, possibilities. It is about this process of singularity and about this absurd man who loves an absurd world that we will deal with in our text.

Keywords: Absurd. Existence. Albert Camus. Loneliness. Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A EXISTÊNCIA COMO ABSURDO	15
1.2 Um homem absurdo.....	27
1.3 Sísifo e a pedra	28
1.4 Sísifo ama a pedra	31
1.5 Sísifo contraventor	33
1.6 A paixão pelo absurdo.....	37
2 INTERLÚDIO – A EXISTÊNCIA COMO POÉTICA DO INEFÁVEL (CONSIDERAÇÕES SOBRE O INDIZÍVEL)	42
3 EXPERIÊNCIA DE SINGULARIZAÇÃO	56
3.1 A existência como escolha.....	56
3.2 A existência como solidão.....	65
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Deixa-me nascer de novo,
nunca mais em terra estranha

Cecília Meireles

O Mito de Sísifo e *O Estrangeiro* de Albert Camus podem nos parecer um tratado sobre como a cotidianidade de um homem é alterada quando este homem comum torna-se um condenado, e o outro um assassino inesperadamente e sem querer. Parece-nos, sim, algo um tanto cômico um homem assassinar alguém com cinco tiros por descuido. Nosso autor pega um dos temas mais conflitantes do seu e do nosso século, a morte do outro (o que depois será tema de *O Homem Revoltado*), e aplica-lhe um elemento surpresa: o descuido. Todos concordam que não é permitido a ninguém tirar a vida de outro alguém. Mas e se o assassino alegasse que foi sem querer? Desta forma Camus parece querer balançar ou, pelo menos, pesar nossas certezas. Não há como medir o sentimento de alguém se este alguém não tiver um comportamento socialmente aceito e identificado de acordo com aquele sentimento. Sentir e dizer o que se sente são as regras da boa convivência. Há uma crença na correspondência imediata entre esse tipo de jogo, de sentimento e fala que Camus quebra em seu estrangeiro, pois rompe com a lógica de que todos sentem da mesma forma; isto nos leva a perceber as diferentes formas de como a realidade se apresenta para cada indivíduo. A questão que se coloca é: quantos assassinos não foram na verdade mal punidos simplesmente porque não foram reconhecidos com sinais de arrependimento? Isso nos faz, ao menos, desconfiar de que a vida é toda ela uma invenção. Esta invenção tem consequências em graus altos ou baixos, os mais altos envolvem coisas como morte¹. A morte é tabu, mistério e medo. Mersault lida com ela de modo diferente, e nisto consiste o absurdo desta obra de aspecto tão naturalista e cotidiano. O cotidiano é algo fascinante aos olhos do nosso pensador, é nele que está toda a lógica bem encadeada de uma vida trágica.

O destino de Édipo é anunciado de antemão. Foi decidido no sobrenatural que ele cometerá assassinato e incesto. Todo o esforço do drama consiste em mostrar o sistema lógico que, de dedução em dedução, irá consumir a desgraça do herói. O mero anúncio desse destino inusitado não é uma coisa horrível, porque é inverossímil. Mas se nos demonstrarem sua necessidade no âmbito da vida cotidiana, sociedade, Estado, emoção familiar, então o horror se consagra. Nessa

¹ N' *O Estrangeiro*, por exemplo, a morte natural da mãe, no início; a morte por assassinato, no meio; e a morte por punição, no fim. A primeira e a segunda parecem não fazer tanta diferença assim, porém a terceira é que muda radicalmente o cotidiano da personagem.

revolta que sacode o homem e o faz dizer: “Isto não é possível”, já está a certeza desesperada de que “isto” é possível.²

A riqueza dos detalhes “desnecessários” da vida de Mersault nos faz ver que não é, ainda, sobre o assassinato que Camus deseja tratar, é, antes, sobre a invenção da vida. Sobre destino. Sobre tragicomicidade. Sobre tudo isso que, no fundo (ou na superfície) ninguém sabe bem explicar. Isso que faz com que qualquer homem se sinta estrangeiro em terra familiar. A opressão do mundo, mas também a gargalhada. A morte da mãe, mas o banho de mar. O emprego, mas o pedido de casamento. Tudo isso somado não resulta numa quantidade de coisas tal como dois e dois são quatro; as vidas suplantam as matemáticas. E a desordem caótica de todas as coisas parece nos mostrar uma unidade falhada, ou seja, já não é mais unidade. Esta unidade Camus chama de uma *necessidade de compreensão*, de junção. E quando não mais se compreende a vida, o mundo parece desconjuntado. Abre-se aqui um lanho, uma fenda para o infinito, um rasgão na parede concreta da vida, e tudo ganha um tom de estranheza, de não-familiaridade. A vida perde. Camus tem um nome para isso: *absurdo!*³

O *absurdo* interessa a Camus enquanto conceito filosófico por meio do qual irá movimentar-se. A irracionalidade do real é posta em relevo, e o conhecimento do real é impossível, mas se possível é irrelevante para a vida prática. Nas primeiras páginas de *O Mito de Sísifo* Camus despreza as teorias do conhecimento enquanto aquilo que pode produzir vida. Sim, ele está preocupadíssimo com a vida. Não quer saber “se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias...” e declara: “Nunca vi ninguém morrer por causa do argumento ontológico.”⁴ Toda a ironia desconcertante de um pensador áspero e repleto de críticas aos sistemas filosóficos que apregoam conhecimentos possíveis. Camus não está tão preocupado com os conhecimentos possíveis, porém está se ocupando com os efeitos que estes conhecimentos causam; sua atenção não é saber a validade de uma

² *O mito de Sísifo*, p.148

³ 1) Latim, SURDUS, “o que não ouve, pouco inteligente, surdo”.

2) Latim, ABSURDUS, “desafinado, fora de tom, dissonante”, de AB, intensificativo, mais SURDUS.

3)O sentido atual veio pela noção de que um som ou música assim é “sem sentido, tolo, incongruente”.

“absurdo” vem do Latim SURDUS, que originalmente queria dizer “surdo” mesmo, mas que também passou a significar “mudo, abafado”.

SURDUS foi a palavra usada para expressar, em Latim, o Grego ALOGON, “irracional”, de A, “fora” e LOGOS, “palavra, razão”.

Assim, SURDUS passou a ter a conotação de “desagradável de ouvir”.

A ele se juntou o prefixo intensificativo AB- e se formou o nosso “absurdo”.

(retirado do site: origemdapalavra.com.br em 19/03/2015)

⁴ Idem, *ibidem*, p.17

nova prova científica ou filosófica, mas saber o que prova uma nova prova científica ou filosófica; o que elas querem dizer? Se os sistemas apregoam conhecimento sobre o real, parece que até agora foram falhos em conhecer os conhecedores, os homens. Camus, muito ocupado com a existência como é, percebe que existem atos ínfimos e ridículos que podem mudar todo um destino e quem será que poderá perceber isso senão o filósofo, o poeta? O cotidiano e o destino são vertentes desse *absurdo*, é deles dois que nosso pensador arranca os seus pensamentos, e talvez por isso seja-lhe mais cômodo escrever suas ideias em forma de romances: “Só se pensa por imagens. Se você quiser ser filósofo, escreva romances.”⁵ A imagem traz uma riqueza de detalhes e ao mesmo uma despreocupação com os significados enquanto desperta o leitor para a multiplicidade de significados. Camus se apega a duas imagens que serão carros-chefe dentro da primeira fase de sua obra, Mersault e Sísifo. Dois anti-heróis que têm suas vidas transformadas após descuidos irreparáveis.

O *absurdo* é também isto, os descuidos, no entanto, não se limitam a ele. É o cuidado também, a ordem, a razão, a sensatez. O *absurdo* é sim e não, os complementares. É tudo e é nada (mesmo que isso não signifique muita coisa). Porém o *absurdo* não é alguma coisa, pessoa ou situação, mas se revela por meio destes. O absurdo é “fratura entre o mundo e o meu espírito”⁶, é um desajuste, uma abertura, uma fresta, descontinuidade. Não se trata disto ou daquilo, mas do *haver*. Há realidade. Porém é isto ou aquilo que irá revelá-lo *absurdo*. Este *haver* é anterior às dicotomias clássicas da filosofia: bem-mal, deus-diabo, claro-escuro... É ontologia do real. O *absurdo* é o fundante. O ser mesmo. Mas ele só se dá a conhecer por meio de uma rachadura no real e esta brecha pode ser vista em toda parte e por qualquer um.⁷ (É difícil falar a partir de Camus pois seu “método de trabalho” quer excluir a rigidez da filosofia, porém sem perder a excelência e, sobretudo, a clareza. É necessário dizer que as ontologias não significam muita coisa para nosso pensador. Ele diz comentando Jaspers, como quem se identifica: “Jaspers desiste de toda ontologia porque quer que percamos a ‘ingenuidade’. Sabe que não podemos atingir nada que transcenda o jogo mortal das aparências. Sabe que o fim do espírito é o fracasso.”⁸ O método que Camus quer usar está no reino das imagens, no jogo mortal das aparências. Por isso seu pensamento filosófico está todo distribuído em contos e romances e apenas dois textos de teoria filosófica. As imagens não determinam, expandem. Para falar do *absurdo* ele não recorre a uma ontologia, mesmo que todo o livro demonstre isto, ele provoca imagens.)

⁵ *Esperança do mundo* (cadernos 19335-1937), p.18

⁶ *O mito de Sísifo*, p.64

⁷ “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer.” (p. 25)

⁸ *Idem*, p.38

Um trecho d'O Mito de Sísifo, o livro teórico sobre o *absurdo*, nos esclarecerá muito:

Mas se é difícil fixar o instante preciso... em que o espírito apostou na morte, é mais simples extrair do gesto em si as consequências que ele supõe. Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos. Mas não prossigamos nestas analogias e voltemos às palavras correntes. Trata-se apenas de confessar que isso “não vale a pena”. Viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento.⁹

Poderíamos dividir este texto em duas partes, a primeira em que se fala do suicídio e outra que fala da repetição. Realmente, é difícil precisar o instante preciso em que alguém resolve se suicidar, mas esta conclusão, neste caso, vem da repetição. O gesto repetitivo e insistente torna-se vazio em algum momento, o vazio que vem dele, ou seja, a falta de sentido que ele possui nos assombra, pois o mundo até então estava dado. Mas e quando ele se mostra como sendo apenas uma construção? Como des-ver o visto? É de repente sentir-se acordado: “Qual é então o sentimento incalculável que priva o espírito do sono necessário para a vida?”¹⁰

Absurdo, esta intensificação da surdez, ou essa mudez que fala, é o nome que Camus escolhe para compreender o incompreensível. O real ganha tons menos nítidos até perder-se numa aglomeração de palavras que nada explicam, mas tudo tentam dizer. Surdez-mudez, compreensão-incompreensão, explicar-desentender. É justamente o paradoxo o eixo sobre o qual se debruça o seu conceito.¹¹ É a tentativa de compreensão do mundo e o quanto este mundo ultrapassa o poder do entendimento humano. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo.”¹² O sentimento de que o mundo nos ultrapassa de modo que em nada depende de nossa existência para qualquer coisa; no *absurdo* está um senso de liberdade que Mersault encontra em seus atos e Sísifo encontra em sua pedra. A liberdade para ser o que já se é.

O trágico mostra sua face onde tudo acontece num acaso-combinado em um encontro marcado com o *absurdo*. O que Camus traz à cena com seus personagens: Janine, Mersault e Sísifo, é uma diversidade de descuidos, descasos e num dado momento a vida se mostra

⁹ Idem, p.19

¹⁰ Idem, p.20

¹¹ No último capítulo de *O Mito de Sísifo* Camus expressa bem isso enquanto comenta Kafka, p.

¹² Idem, ibdem.

como sendo o que é. O trágico tem algo a ver sim com esta irremedialidade, ou com este "remediado está", mas acompanhado a isso uma incrível necessidade de se perguntar "por quê eu?". Esta ilusão que carregamos como se a existência fosse algo de muito particular, e que aquilo e aquilo outro poderiam não acontecer assim, mas assado.... Esta ilusão de que somos os únicos a ter dor e alegria, esta ilusão de um eu centralizado. É para descompor esta razão desta ilusão que Camus virá em nosso socorro: "Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível." ¹³

Aqui o autor já nos põe dois problemas a serem pensados: o *absurdo*, por mais raro que seja, é comum; e qualquer um pode ser acossado por tal sentimento. (Chamamos *absurdo* de sentimento pois é desta forma que ele se apresenta, apesar de Camus usá-lo como conceito, veremos que este conceito não é tão claro, entra na contagem das coisas inapreensíveis e todo o exercício deste pensador é cercá-lo de modo a achá-lo, cercá-lo até, quem sabe, atingi-lo; talvez por isso as imagens são a forma preferida de se falar sobre isto que não é sentimento, conceito, mas é as duas coisas.) O primeiro problema nos põe a pensar sobre o escasso e o excessivo no *absurdo*. Precisamos definir esta escassez e esta excessividade, esta comunidade. O absurdo pode ser considerado raro porque não se dá para todos. Mas Camus nos deixa pistas ao dizer que ele pode bater em um "homem qualquer", mas não em qualquer homem. "Qualquer homem" é o populismo, o para-todos, o irrestrito, é o quantitativo. "Homem qualquer" é a singularidade do comum, é como a bala perdida que alcança algum corpo, porém não todos os corpos. E este algum corpo que alcança é sim de um qualquer, de um distraído, de um homem comum. Portanto ao dizermos que qualquer um pode ser acossado por este sentimento não o dizemos quantitativamente, dizemo-lo a partir da simplicidade com que a vida, a vida mesma, a cotidiana, se torna, de uma hora para outra, incompreensível para alguns. Dizendo em poucas palavras, a vida deixa de fazer sentido, deixa de ser consistente e nos remete a uma memória de que as coisas poderiam ter sido diferentes. E talvez seja este um aspecto muito ressaltado em *O Mito de Sísifo*, a qualidade dos pensamentos do homem comum está sempre girando em torno do que "poderia" ter sido, veremos que o homem absurdo/trágico está longe deste pensamento.

Camus começa a perseguir o que ele mesmo está chamando *absurdo*, pois apesar de saber que não é comum, não sabe bem ainda o que é. No segundo capítulo da primeira parte de *O Mito de Sísifo* nosso autor tenta então fazer uma captura do absurdo, e como todo bom

¹³ Idem, ibidem, p.25

capturador tenta pela raiz, pelo início, princípio, arché. Ele sabe muito bem que estar acossado por tal sentimento pode ter efeitos depressivos, falando em termos de vida cotidiana. Mas não é dos efeitos que ele pretende falar, mas de onde nasce, surge, donde vem que... Enquanto nosso pensador rastreia o absurdo em busca de sua gênese, vê-se aí um exercício propriamente filosófico: a arché.

Um homem ao dizer que a vida não tem sentido já a nomeou irremediavelmente. Porém a força de tal afirmação é tamanha, pois se resume a dizer o que a vida é em sua essência: faz-se metafísica! Em certa medida o que Camus faz ao dizer *absurdo* é o mesmo que fazem, por exemplo, os pensadores originários; é um dizer que tenta por em seu lugar cada coisa, tenta encontrar uma raiz conjunta para o real. O desejo de unidade que aparece tão claramente criticado em *O Mito de Sísifo* não deixa de expressar aquilo do que o próprio Camus tenta fugir. E por mais que ele fuja deste "desejo de unidade", deste desejo de compreender tudo numa só toada, sabe (ou não sabe) que proclamar o mundo como *absurdo* é ainda unificá-lo. O que resvala em nosso pensador é que ao tentar mostrar a irracionalidade da(s) filosofia(s) ele somente o faz por meio de uma outra definição unificadora, e esta diz que nada faz sentido. Camus faz um jogo lógico entre sentido e não-sentido, o que não muda em nada o fato de que seja do lado do sentido ou do não-sentido tem-se uma tendência a universalizar, a propor um princípio comum para a realidade. O que é feito na obra camusiana é afirmar que todo e qualquer sentido universal dado à realidade só tem validade se investigado por si mesmo, por um singular, de modo autêntico; e para, radicalizar, como é próprio à filosofia, nosso pensador encontra na morte a possibilidade mais radical para validar ou não o que é que produz vida! Ele está preocupado com a vida porque percebe que só o que provém dela é capaz de fazer real sentido. Fora dela tudo são teorias. Seria *O Mito de Sísifo* um modo de ajustar a vida ao sentido? Vejamos num comentário do autor:

O que me interessa, repito, não são as descobertas absurdas. são suas consequências... A primeira providência do espírito é distinguir o verdadeiro do falso. Mas quando o pensamento reflete sobre si mesmo, o que ele descobre antes de tudo é uma contradição. [...]

ele prossegue repetindo um trecho de Aristóteles:

A consequência, muitas vezes ridicularizada, destas opiniões é que elas se destroem a si mesmas. Pois afirmando que tudo é verdade, afirmamos a verdade da afirmação oposta e em consequência a falsidade da nossa própria tese (pois a afirmação oposta não admite que ela possa ser verdadeira). E se dizemos que tudo é falso, esta afirmação também se revela falsa. Se declaramos que só é falsa a afirmação oposta à nossa ou então que só a nossa não é falsa, mesmo assim somos

obrigados a admitir um número infinito de juízos verdadeiros ou falsos. Pois aquele que emite uma afirmação verdadeira, pronuncia ao mesmo tempo que ela é verdadeira, e assim por diante até o infinito.¹⁴

Uma descoberta absurda é o mergulho na raiz, é chegar à raiz e até mesmo tornar-se raiz. O que causa esta ida à raiz? São os efeitos que o interessam. O sol, a luz do dia, o suicídio, a alegria. A cotidiana vida ela mesma. Afirmo que vivo num mundo onde nada faz sentido e logo o imputo um sentido, ao menos, no momento mesmo em que pronunciava sobre sua falta de sentido. Com isso Camus acaba, ainda que sem querer, expressando este desejo humano de unificar tudo dentro de uma redonda e agradável verdade, pois percebe que é este o destino humano: a contradição lógica! E somente à aparição desta contradição chama-se *absurdo*.

O *absurdo* é então o vão que se cava entre sim e não. Este vão não é alguma coisa, item, ente, isto ou aquilo... O vão só é possível porque as sustentações de *sim* e *não*, *sentido* e *não sentido*, não são fixas. O absurdo mostra o fundo vazio por trás da realidade. Contudo, no instante mesmo em que o mostra vazio o preenche. Esta contradição não assusta Camus, pois ele sabe que, inevitavelmente, "compreender é antes de mais nada unificar"¹⁵. É aí que também percebe que essa unidade tem uma falha, uma imperfeição, algum ponto em que não se costurou muito bem, um nó frouxo. A este corte dá-se este nome de *absurdo*. O corte não revela por trás dele uma outra realidade, mas é capaz de desvelar o fundamento do real, seu princípio. Em suma, aquilo atrás do qual anda o nosso pensador é aquilo atrás do qual andam todos os pensadores, atrás de uma realidade primaz. Isso bem o expressa Heidegger:

Por que há simplesmente o ente e não antes o nada? [...] A questão cobre o máximo de envergadura. Não se detém em nenhum ente de qualquer espécie. Abrange todo ente, isto é, não só o ente atual no sentido mais amplo, como também o ente, que já foi e o que ainda será. O arco da questão encontra seus limites apenas no que absolutamente nunca pode ser, no Nada. [...] Como todas as questões nela diretamente radicadas, nas quais se desenvolve, a questão do 'por quê' é irreduzível a qualquer outra. Impele à procura de seu próprio por quê.¹⁶

e ao tentar explicar de onde vem tal questão, conclui:

No salto, em que se deixa para trás toda e qualquer segurança da existência seja verdadeira ou presumida. Sua investigação ou se concretiza no salto ou não se realiza nunca. [...] Um tal salto, que origina para si seu próprio fundamento,

¹⁴ Idem, ibidem, p.34

¹⁵ Idem, ibidem, p.31

¹⁶ HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*. p. 33 e 34

denominamos, de acordo com a significação verdadeira da palavra, um salto originário. Ora, uma vez que a questão, 'por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?' dá origem ao fundamento de toda questão verdadeira e lhe é, nesse sentido, originária, deve-se reconhecê-la, como a mais originária das questões.

O que Heidegger está nos dizendo é que esta mais originária de todas as questões só acontece se precedida por algo, chamado por ele de "salto". Este salto que Heidegger retoma não é novidade na filosofia, alguns antes dele também quiseram falar algo sobre este salto, sobretudo os existencialistas. Este salto é o que se dá na origem de todo conhecimento autêntico, é o espanto originário! O espanto pré-socrático, por exemplo. Mas é também o mesmo espanto com que Albert Camus se espanta perante a sua realidade, que não é como a de Platão, nem como a de Sócrates, nem como a de Tales, oferece problemas diferenciados, tais como "a ideia de metrô", diz ironicamente em um comentário ferino á ideia de Platão dizendo que a ideia de um animal, na época platônica, equivale hoje à ideia de metrô. Camus entende bem o que Platão falou, e o faz tão bem que é capaz de adaptar seu pensamento para nos traduzi-lo. Ele sabia que Platão, por melhor mestre e pensador que fosse, e era, também estava inserido em problemas próprios do seu tempo. Portanto, podemos afirmar que a água é para Tales, o que fogo é para Heráclito, o que ser é para Parmênides, o que ideia é para Platão etc. O que é o absurdo para os pensadores do absurdo, entre os quais Camus é um deles. O que o absurdo traz em si é um perigoso quase-conceito, não chega a ser conceito porque quando se afirma se nega, é o próprio paradoxo. Mas é próprio deste conceito esta dubiedade.

O *absurdo* leva o indivíduo que por ele passa, justamente por causa desta sua dubiedade, a uma intermitência no dizer:

Quando refletimos sobre isto, observamos que o silêncio que se projeta na relação intersubjetiva corresponde a um tumulto na interioridade, como se a impossibilidade de falar decorresse de uma abundância desordenada da emoção, ou como se a falta de palavras fosse causada pelo excesso de significados inexprimíveis. Assim, quando chegamos a uma situação em que não sabemos o que dizer, experimentamos a impossibilidade de articular o que se passa na subjetividade profunda. Experimentamos aquele tipo singular de limite que não é apenas a linha divisória entre pensamento e linguagem, mas a pressão da desordem interior sobre o dique representado pela ordem habitual das palavras.¹⁷

O absurdo encaminha o homem para a região do inefável. É disso que se trata nosso texto. Iniciaremos falando sobre o absurdo, o homem absurdo e sua incapacidade de dizer sua experiência (capítulo I); entraremos numa fala sobre a linguagem, já que a experiência

¹⁷ LEOPOLDO E SILVA, F. *O risco do fracasso*. In: NOVAES, Adauto. *O silêncio e a prosa do mundo*. P. 215

absurda suprime toda explicação e palavra, falaremos do quanto isto se aproxima da região da poesia (capítulo II - interlúdio); e finalmente sobre a experiência da singularização a partir da escolha pelo absurdo e a solidão em que tal homem se encontra (capítulos III).

1 A EXISTÊNCIA COMO ABSURDO

A solidão se apresenta para nós, homens modernos, com toda uma conotação pejorativa, como sinônimo de isolamento apenas, e sempre relacionado à tristeza, dor e angústia do viver e jamais, ou raramente, como algo produtor, valoroso e constituinte do caráter humano. A abordagem aqui feita deste tema não tem a ver com o isolamento, apesar de passar por ele também, mas diz respeito à solidão como consciência de individuação, como singularização. O conto de João Guimarães Rosa *A terceira margem do rio* nos servirá de fio condutor nesta compreensão.

A história relatada por Guimarães Rosa trata de uma família residente do interior de alguma cidade, composta por pai, mãe e três filhos. De convivência harmoniosa e tendo apenas os percalços diários, a família era tão comum quanto qualquer outra, nada de extraordinário a acompanhava. E é assim num estalo, num repente, sem qualquer extraordinariedade aparente, que o pai decide, sem mais explicações ou porquês, fazer para si uma canoa, e não bastando isso, ir morar nela, abandona a casa, filhos e esposa, trabalho, amigos, bens, reputação. A decisão é naturalmente estranhada por todos que o cercam, a vizinhança pensa em loucura, a esposa espera que um dia ele retorne para o lar. A volta que nunca se dá, não chega, não acontece. Os anos passam, os filhos crescem; uma de suas filhas casa e engravida, e na tentativa frustrada de mostrar o neto ao pai, quando na beira do rio todos choram abraçados, decide se mudar para longe levando consigo a mãe; o segundo irmão também decide mudar; restando apenas o terceiro filho, ali, à beira do rio, à margem do pai. Não se casa, não tem filhos, vive no mesmo lugar até seu envelhecimento, como servidor do pai, um patriarca que já não fala, não se expressa, não reage e apenas come e veste o deixado pelos familiares. Não sai da canoa

De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas e meses e os anos - sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.¹⁸

Um pai sempre ali no mesmo lugar, tão perto, contudo, absolutamente ausente; e o motivo de sua morada na canoa ninguém jamais o soube, a não ser, talvez, o senhor construtor do próprio barco: “me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez,

¹⁸ GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. 1 ed. especial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005. p. 79

tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas agora, esse homem já tinha morrido,...”¹⁹ O filho envelhece ali ao lado do pai.

Depois de já muitos anos idos o filho tenta trocar de lugar com seu pai, e pela primeira vez após todos aqueles longos anos o pai atende e acena ao ser chamado, mas a troca não se realiza, o filho não consegue e depois deste fato nunca mais se vê ou se ouve falar do pai.

Nosso questionamento gira em torno de saber quem é esse filho – haja vista que é ele o contador da história e por nunca ter saído do lado do pai demonstra que foi o único que percebeu algo diferente em sua decisão, algo que vai além de loucura e tem um porquê mais profundo, ou mais complexo, ou, simplesmente, outro.. Qual é o lugar representado por este pai na existência? O lugar daquele que se conhece e se percebe enquanto existente, tal como veremos durante nossa pesquisa. De que se trata seu isolamento? De que se trata esta terceira margem? Qual o papel deste filho espectador desta história? Bem como esse pai e em certas instâncias quem representa esta família? O fato de percebê-la de maneira diferente de seus parentes o faz habitar também em uma outra margem, em uma terceira margem? O afastamento social por qual passou é necessário a todo homem ou está falando apenas de um lugar metafísico em que se habita? Trataremos de compreender a existência na terceira margem como o lugar em que a compreensão se torna impossível, ou inadequada. Em que medida existir é estar à margem de toda e qualquer palavra.

Nossa existência está sempre à margem, à deriva; o fato de não se saber o que virá nos arrebatada de preocupações. Preocupações estas que são fruto do conhecimento da incapacidade de poder ter domínio sobre o real. A vida humana, seu cotidiano, seus problemas e adversidades fogem ao controle do homem, bem como suas soluções ou alegrias – sem contar o fato de sempre termos comumente mais dores que alegrias. A existência, em todos os seus aspectos, escapa ao domínio do indivíduo, e este se vê constantemente sendo assaltado por temores que o fazem estremecer. Deparamo-nos assim com uma das questões mais pertinentes na vida: “quem tem o controle da vida?” Esta é uma pergunta sem resposta, e se tivesse seria incognoscível. Não tentaremos aqui respondê-la, e isso não exclui o fato de que ela aparecerá constantemente, mas analisaremos os diversos rumos que o homem toma e pode tomar a partir de tal questionamento. Mas aqui o que mais nos importa não é tanto o controle da vida, e sim o seu descontrole, é ele quem nos move. Colocaremos então uma pergunta mais fundamental: “há alguém no controle da vida?” E

¹⁹ Idem, p.81

não pensemos vida de um modo geral, como vida do universo ou a vida de todos os homens; mas pensemos no particular, para não esquecermos de que falamos de coisas elementares, essenciais e pertinentes a todos. Precisamos fazer notável a vida do homem não apenas como algo composto por começo, meio e fim, mas como algo vivido cotidianamente. Reparamos o homem como indivíduo e não como um qualquer, componente da massa no meio da multidão, não como número, mas como existente, experimentando aflições ou desembaraços constantemente, um existente consciente de sua imperfeição, alguém que entra em conflitos consigo mesmo e nem sempre sabe se libertar das incongruências observadas. Este conflitante ser, em algum momento de sua vida, questiona-se: “quem tem o controle da vida?” e ainda: “há alguém no controle da vida?” A partir disso surgem tantas outras perguntas, que nem poderíamos enumerá-las aqui. Mas uma indagação nos servirá de guia, a fala do filho-narrador encontrada no último parágrafo de *A Terceira Margem do Rio*: “Sou homem, depois desse falimento?”²⁰ Que falimento?, e de quem? É necessário analisar o que faz do homem um homem, o que faz do humano humano. É aqui precisamente que entraremos no texto de Guimarães Rosa. É necessário analisá-lo desde seu início.

Começamos pelo Pai, personagem principal da história: O que foi fazer o Pai na canoa? Esta provavelmente é a primeira pergunta feita pelos leitores do conto; mas ao invés de questionarmos “por quê a canoa” há uma pergunta que talvez não tenha sido ainda feita: “por quê não a canoa?” A escolha da canoa é absurda, mas nunca pensamos no fato de a sua não escolha ser também um absurdo, talvez até maior... Precisamos ter em mente que ao escolher a vida na canoa, o Pai escolhia algo que era propriamente seu, escolhia a si mesmo; justamente porque dentro dela estava consigo mesmo e fora se encontrava disperso. Aquele pai de família era um homem comum; nada de talentos especiais, vida exuberante, ostentação de bens e riquezas. Situava-se dentro do rol dos homens ordinários. Possuía uma casa simples, à beira do rio; três filhos, com os quais dividia sua labuta; esposa, com a qual sustentava a promessa “na alegria ou na tristeza” feita no dia do casamento, também tão singelo, matrimônio provavelmente abençoado por algum padre do lugarejo. O tão comum pai de família tinha seus amigos para encontros aos finais de semana, se dava bem com quem podia, talvez servisse de referencial para alguns, para outros nem tanto. O pai de família encontrava-se onde se encontram a maioria das pessoas: na primeira ou na segunda margem. A primeira e segunda margem tratam dos limites nos quais um ser humano pode existir, são as duas margens do possível, do ordinário, do normal e comum, do trivial. Trata-

²⁰ GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. 1 ed. especial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005. p. 82

se dos limites possíveis de se transitar, são como paredes, barreiras, delas não podemos passar, são intransponíveis e não precisam ser transponíveis; necessitamos delas para nos dar os limites do real; traçam os limites do que podemos fazer, onde podemos ir e, acima de tudo, do que somos. As duas margens são lugares possíveis, já visitados e explorados, onde não há nada novo a ser descoberto; as duas margens não nos permitem criação, elas já nos ditam o que pode ou não ser criado. Estamos cercados diariamente por estas duas margens, as quais não nos permitem ver nada além do já visto; fazem-nos siderar em torno das mesmas possibilidades de existência; prendem-nos em um mundo onde tudo já é conhecido, nada há para se explorar; é o habitat das multidões, onde ninguém se reconhece enquanto existente, mas simplesmente como homens com suas necessidades urgentes antes de morrer. As duas margens é o mundo possível nosso de cada dia. E é justamente neste mundo onde habitava o pai, seus filhos e sua esposa. Em suma: trata-se da vida tal como a conhecemos em sua não-extraordinariedade.

O pai encontrava-se imerso, submerso naquela condição de multidão. Era preciso encontrar-se. Encontrar-se enquanto um ser existente. A canoa traz consigo duas possibilidades: o pai a construiu porque havia se conscientizado de ser um existente ou o pai a construiu porque havia se conscientizado que não era um ser consciente de sua existência e a decisão da canoa foi uma busca por esta consciência. Em qualquer uma das alternativas vê-se o trabalho da consciência; escolher a canoa era um exercício de escolher sua própria existência. Mas outra questão aqui nos surpreende: Por que é preciso o homem escolher a si mesmo? Por que é preciso se encontrar? A princípio não temos respostas, no entanto uma característica se faz notável no pai: a necessidade urgente de habitar na terceira margem, ou seja, a margem capaz de proporcionar uma singularização. Talvez o encontro consigo mesmo enquanto ser existente não faça parte de uma necessidade consciente, mas de algo que simples e surpreendentemente acontece provocando uma singularização perante o mundo, uma *necessidade-casual*; que provoca uma desregularização no tempo, a percepção interna do tempo passa a ser devagar, desacelerada em relação ao mundo, habituado a muitos afazeres e repleto de ocupações²¹. A existência na terceira margem é uma escolha por problemas que sejam realmente próprios:

²¹ Esta lentidão é uma forte característica do caráter filosófico, lembremos o próprio Aristóteles ao falar que a filosofia inicia com a admiração e com o espanto num acontecimento de pura contemplação; o homem do senso comum não tem tempo para o espanto com a realidade, no sentido de admirá-la, contemplá-la. Já o indivíduo afetado filosoficamente “*resiste ao élan do inopinadamente ‘adiante’, do sôfrega e impulsivamente ‘para frente’*. Ao contrário, na hora deste ímpeto, desta tentação, algo nele como que puxa para trás, impõe-lhe parar. Ele agüenta, resiste, suporta... Trata-se de alguém capaz de, por longo e longo tempo, suportar uma adversidade...”(FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? filosofia como exercício de finitude*. Aparecida: SP: Idéias e

‘Naturalmente’, ‘espontaneamente’, herdamos problemas que, na verdade, jamais foram nossos, perguntas nas quais jamais ressoam uma real interrogação nossa, mas que, na melhor das hipóteses, foram problemas reais ou autênticas perguntas, digamos, de nossos antepassados remotos ou imediatos, que as tinham de fato acesas, pulsantes, talvez como feridas abertas no corpo de uma existência exposta ao enigma dela mesma.²²

É dessa urgência que *A terceira margem* trata: “feridas abertas no corpo de uma existência exposta ao enigma dela mesma”. A existência precisa ser seu próprio enigma como uma ferida aberta, quando isto se dá a terceira margem é o próximo passo. Bem como nos diz Nietzsche acerca da dor: “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória”.²³ E quando isto se dá? A partir da percepção do absurdo de existir. O absurdo fala exatamente da incongruência dilacerante entre um homem e o seu mundo: “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo.”²⁴ Começa-se a notar um abismo entre a vida que se leva e a exigida pelo mundo; contradições intransponíveis, estranheza, espanto, perplexidade; de alguma forma o homem se percebe como uma peça sem encaixe perfeito num quebra-cabeça sempre incompleto, um fluxo constantemente interrompido. A vida se torna ela mesma uma interrogação. E quando a vida passa a ser questionada, avaliada quanto ao seu valor e relevância, então o próximo passo será considerar a morte como uma possibilidade e a entrada nela através do suicídio. O suicídio apenas é considerado por aqueles que não vêem mais na vida qualquer espécie de valor ou sentido, a razão foi suprimida: o homem quer se suicidar: “Matar-se, em certo sentido,... é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos.”²⁵ É preciso pensar no pai na canoa como um suicida, contudo trata-se de um “suicídio filosófico”. Entendamos esta afirmação à luz de Albert Camus, como este a designou em seu *O Mito de Sísifo*. Para Camus o suicídio filosófico é a negação da *razão humana* como direcionamento principal não só da vida de um indivíduo como de toda a história do Ocidente; este suicídio declara e

Letras, 2009, p.13). O indivíduo que opta pela lentidão passa a refletir nesta sua existência e na forma como ela se dá, logo, a pressa e a impulsividade já não podem mais tomar conta, pois a admiração tornou-se sua primeira responsabilidade.

²² FOGEL, Gilvan. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.15

²³ NIETZSCHE, F. *genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2009. p. 23

²⁴ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010. p. 21

²⁵ Ibidem, ibidem.

afirma a vida como puro desespero, afirmar o desespero é negar razão e sentido, indo contra o pensamento “do nosso século”, como diz o filósofo: “aquele que se baseia no princípio de que tudo é razão e que pretende explicar o mundo.”²⁶ A pergunta angustiante: “O que seria então a vida?” traz como resposta a opção de Kierkegaard: “o desespero”²⁷, pois é melhor não se resignar às ilusões e à mentira, “pois o espírito absurdo prefere adotar sem tremor”²⁸ o desespero. E para Camus esta é a atitude existencial. “É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse Deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana.”²⁹ É a partir “de uma filosofia da não significação do mundo”³⁰, é quando se compreende o mundo sem qualquer razão – superior, além – digna de ser honrada, que admitimos a absurdidade da existência. Ver o absurdo é por os pés na terra, fixar-se aqui no presente, presentificar-se.

Somente desta forma realizamos o que diversos pensadores, sobretudo os existencialistas, chamam de o “salto” transcendente. Que no caso de Camus tem algo a ver com a compreensão do mundo sem sentido, ou seja, sem significação para além dele mesmo. E é este salto que Guimarães Rosa chama terceira margem, um lugar metafísico. Este salto é o que se dá na origem de todo conhecimento autêntico, é o espanto originário!

A terceira margem é o lugar reservado aos suicidas filosóficos. É o lugar metafísico da existência; é habitar no absurdo “que é o estado metafísico homem”³¹; é a passagem para um outro plano, outra dimensão; contudo, este plano metafísico dá-se no imanente, dá-se no cotidiano. Camus nos alerta: “Se há absurdo, é no universo do homem”.³² A terceira margem faz-se necessária quando as duas margens já não deixam transparecer sentido algum, pelo contrário, oculta até este se tornar turvo, até não mais se poder vê-lo. Pensemos no pai, a canoa estava na água, “Ele não tinha ido a nenhuma parte”, diz o filho-narrador, “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio,

²⁶ Ibidem, p.50

²⁷ Ibidem, p.54. No sentido de que o desespero afirma a vida tal como é sem mascará-la; e esta é a proposta de Camus com o absurdo, afirmar a vida e a sua incongruência, sem conclamar a razão para imputar um sentido onde no fundo não há.

²⁸ Ibidem, idem.

²⁹ Ibidem, p.50

³⁰ Ibidem, idem.

³¹ Ibidem, p.49

³² Ibidem, p. 45

sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais”, pois o verdadeiro salto foi o que o levou para dentro dela³³. A terceira margem acontecia ali, aos olhos de todos, à vista de quem pudesse enxergar, perto, apesar de longe; perto fisicamente, longe na atitude existencial. E podemos dizer com certeza, a cisão entre os homens tem a ver com a atitude existencial, a tênue linha decisiva entre as margens e a terceira margem, está relacionada à nossa decisão sobre a existência, sobre como decidimos enxergá-la; se a admitirmos como desespero, negamos a razão aceitando o absurdo de existir e não o imputando nenhum sentido ou razão metafísica, o metafísico torna-se então o lugar onde o homem passa a habitar, e não se trata mais daquilo em que se acredita um dia chegar, aquilo que justifica ou traz sentido à vida somente porque está distante e já que não é visto pode ser esperado, pois quanto mais próximo mais difícil torna-se a crença. A partir da percepção da vida como absurdo, o metafísico retrocede, sai do plano futurístico – que é o constante trazer significação para o hoje – e faz do hoje o último e primeiro lugar onde se pode habitar; passa-se a acreditar na vida como acontecimento instantâneo. Habitar na terceira margem é compreender a morte não como sendo algo futuro, “um dia acontecerá”, mas nos faz ver a morte acontecendo a cada instante, a morte acaba de acontecer agora; com isso, os futuros, a vida vivida na esperança perde seu sentido, compreende-se tanto a vida quanto a morte acontecendo agora. Mas antes de tratarmos a consciência da morte a todo instante, precisamos compreender melhor a existência como absurdo.

Pressupomos aqui o pai como quem percebeu a vida como absurdo. E de que se trata isso? Trata-se de constatar que “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida...”³⁴ Um homem vive constantemente sua vida comum, perfazendo sua rotação em torno dos seus problemas, acreditando neles como sendo únicos e de total importância na face da Terra; livrando-se de alguns embaraços enquanto, inadvertidamente, adquire outros; morrendo por amores; vivendo a correr atrás de significados escapadiços; alguns dos mais nobres homens vivem para provar cientificamente quase tudo que se pode provar; alguns destes homens conquistam territórios, fama, bens, acumulam riquezas; e aqueles não tão nobres assim são considerados homens de vida pequena, preocupados exclusivamente com comida e vestimenta. Até que, dos mais aos menos nobres, o tédio das coisas repetidamente vividas começa a despertar:

³³ GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. 1 ed. especial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005. p. 78

³⁴ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010. p. 19

Acordar, bonde, quatro horas de escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o ‘por quê’ e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro.³⁵

Assombro. Esta é uma palavra justa à percepção do absurdo. Os fatos perdem sua ordinariiedade e ganham um *por quê*, e esta pequena pergunta quase nos deixa inertes, estatelados. Precisamos analisar em que momento (se isto for possível) de sua vida esta luz acendeu e por quê (se houver um). O dia-a-dia acontece intocavelmente, mergulhamo-nos em nossos afazeres, necessidades, costumes... Até que um dia, um belo dia, tudo isso nos assombra, pula em cima de nós como um animal feroz, falando alguma verdade; e neste caso é a vida pulando em nós e dizendo: a vida não faz sentido. O cotidiano passa a ser banhado por alguma estranheza, mergulhamos em algum poço sem fundo do já conhecido, outros olhos nos são dados para ver as mesmas coisas. A continuidade das coisas é subitamente quebrada quando o homem é iluminado por esta verdade: ausência de sentido. Camus nos diz que “numa esquina qualquer o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer.”³⁶, verifica-se assim não haver um lugar específico ou pessoa escolhida, qualquer um em qualquer momento está vulnerável – e isto é assombroso. Esta esquina fala de um acaso mais prosaico, simples... Como no conto de Clarice Lispector, *Amor*³⁷, uma mulher, comum mãe de família, num comum dia de afazeres, se surpreende ao de repente olhar para um cego, e a partir dali sua vida nunca mais é a mesma, durante aquele dia:

Foi então que olhou para o homem parado no ponto... Então ela viu: o cego mascava chicles... O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão.

Uma crise arrebatava a mulher, crise esta causada por um cego mascando chicles. E o que um cego mascando chicles parado no ponto do bonde pode causar no mundo? Absolutamente nada. Mas o cego fora para Ana mais que um simples homem, fora a revelação de algo no mundo estar muito errado, de algo não se encaixar e que ela mesma não

³⁵ Ibidem, p.27

³⁶ Ibidem, p.25

³⁷ LISPECTOR. Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

se encaixava, não ajustava, nem se adaptava ao mundo no qual sempre viveu sem enormes problemas. O cego parado apenas existia sem pretender dar a ninguém a revelação de qualquer coisa que fosse, não pretendia nada, não podia nada, simplesmente era e estava. A personagem Ana, fora tomada pelo sentimento do absurdo ao ver um cego; fora assaltada pela estranheza de na vida haver uma ausência de sentido maior do que se pode imaginar. E este sentimento, vindo por meio do cego, poderia vir por meio de qualquer outra pessoa, coisa ou circunstância; até mesmo por meio de uma pedra. Ana “Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego?” Ana recebera um chamado; o *logos* lhe falou: a descoberta do fato de a vida ser *horrível*- assombrosa, apavorante, espantosa, arrepiante- e isto dispensa discursos: apenas se pode sentir. O cego não falando nada, disse tudo. Mas disse o quê?, que tudo? O cego falou do absurdo.

Em toda parte o absurdo nasce de uma comparação... não nasce do simples exame de um fato ou de uma sensação, mas sim da comparação entre um estado de fato e uma certa realidade, uma ação e o mundo que a supera.³⁸

O cego fora naquele instante a representação do disparate; entre o cego e o mundo à sua volta habitava a discrepância, eram opostos, não se encaixavam, o cego não cabia no mundo e o mundo não cabia no cego; o cego representava um “estado de fato” e o mundo aquilo que podemos chamar “uma certa realidade”. Talvez o cego mesmo fosse o abismo dividindo Ana e o mundo.

O disparate entre o homem e o mundo, é o início da descoberta de algo assustador. O fato desta descoberta leva o homem em direção à beira de um abismo, e sempre o mesmo abismo: o suicídio. É a profunda vontade de querer dar fim àquilo sem fim: a falta de sentido. O suicídio é a melhor solução para alguém que não conseguiu compreender este labirinto no qual foi colocado; quer dizer, não se trata de “melhor solução”, mas de saída desesperadora. Para Camus não há um momento exato em que se possa identificar a descoberta do absurdo:

Um gesto desses se prepara no silêncio do coração, da mesma maneira que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma noite, ele dá um tiro em si mesmo ou se joga pela janela... Começar a pensar é começar a ser atormentado. A

³⁸ CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010. p.41

sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem.³⁹

É difícil precisar com exatidão, este verme dentro do coração do homem representa o início, gênese e é colocado em relevo, é aceso quase sem querer – por algum motivo, o mais banal ou o mais extremo – e isto também é assombroso –; é algo já contido dentro do ser humano, não é algo posto ali, já está lá, o homem já tem uma propensão a esta percepção dolorosa da vida: “Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor.”⁴⁰ A maneira schopenhaueriana de ver a vida é: a essência da existência é a dor.

Mas que é dor? A dor dilacera. A dor é o rasgo do dilaceramento. A dor não dilacera, porém, espalhando pedaços por todos os lados. A dor dilacera, corta e diferencia, só que ao fazer isso arrasta tudo para si, reunindo tudo em si. Enquanto corte que reúne, o dilacerar da dor é também um arrancar para si que, como riscas ou rasgaduras, traça e articula o que no corte se separa. A dor é a articulação do rasgo do dilaceramento.⁴¹

A dor se caracteriza pelo vácuo que provoca. Surge mais a partir do nada do que de alguma coisa. E se surge do nada, caminha para ele, “pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento [de suicídio] e a aspiração ao nada.”⁴² O mais banal ou o mais extremo podem se tornar o estopim, para uma decisão,

o que desencadeia a crise é quase sempre incontrolável. Os jornais falam com frequência de ‘aflições íntimas’ ou de ‘doença incurável’. Estas explicações são válidas. Mas teríamos que saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente. Ele é que é o culpado.⁴³

Assim, o banal é o responsável por um acontecimento nada banal, completamente incomum; o ordinário responsabiliza-se pelo extraordinário. O extraordinário não é o suicídio, mas a descoberta! (que leva ou pode levar até ele, como também poderia, e pode, levar a um encanto com a vida) – é claro, esta segunda opção é um pouco mais improvável, pelo menos neste primeiro momento onde Camus está encantado com a morte, no entanto não descartada. Pode-se perguntar pelo exato instante em que a consciência desorganiza suas

³⁹ Ibidem, p.20

⁴⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Trad. A. F. Rocha. Ediouro: Rio de Janeiro. p. 40

⁴¹ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. P. 20

⁴² CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010. p.21

⁴³ Ibidem, p.21

funções e faz sua descoberta mais estrondosa? Será a consciência mesma sempre um caminho para esta descoberta, ainda que em alguns seu trabalho seja frustrado? Pode-se falar de instante consciente, ou apenas instante em que a consciência se revela como tal? “Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá”, diz Kierkegaard; pode-se então compreender uma dispersão do eu antes do momento da revelação da consciência enquanto tal. Na perspectiva kierkegaardiana, “consciência” e “eu” são co-dependentes, havendo o primeiro, haverá o segundo. E esta consciência é de si próprio antes de ser de algo exterior. Antes disso, o eu está perdido, não desvelado, encoberto, ou simplesmente em estado de confusão, caos. Acontece que para tal revelação de si é necessário um encontro repentino, um baque, uma interrupção no ciclo vicioso do cotidiano; a incessante repetição dos costumes e hábitos traz uma sensação de estranheza, bem como a incessante repetição de uma mesma palavra por muito tempo faz com que seu sentido seja suprimido e aquela palavra passe a não fazer mais sentido, ela torna-se um som vazio, a contínua repetição faz a palavra parecer com uma outra, e no fundo não parecer com mais nada: polifonia esquisita. Esta esquisitice, estranheza, tira o homem de seu descanso perante todas as coisas, “pois começar a pensar é começar a ser atordoado”⁴⁴; um vácuo faz-se presente, o homem clama por sentido, por coerência nos atos do mundo, mas tudo parece desconjuntado.

O caminho seguido pelo homem do absurdo é prosseguir em direção à terceira margem: uma nova concepção de sentido. A terceira margem é o lugar transcendente do homem, é o seu lugar metafísico. A verdade é que o homem ainda busca o seu lugar, podemos falar em anseio, o homem anseia por encontrar seu lugar na terra. Podemos perguntar: onde habita o homem? Qual o seu lugar no mundo? Quem é no mundo? Temos sempre a sensação de desconforto. Por vezes não nos sentimos bem e, no entanto, esta sensação cresce e se torna presente em quase toda nossa experiência existencial. Até chegarmos à compreensão, como um rio desaguando no mar, que sempre estamos desconfortáveis e fora do nosso lugar, o tempo todo. Procuramos no físico o que na verdade é metafísico. O homem absurdo habita no enigma da existência. O homem absurdo é o capaz de perceber a existência como enigma e isto o deixa à margem, fora do comum, fora dos limites do real. A partir de então, a transcendência começa a ser percebida tão forte e realmente, o homem sente-se habitando nela, por sentir-se em outro plano que não o físico, já que os sentidos foram suprimidos e “aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloqüente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração

⁴⁴ Ibidem, idem.

procura em vão o elo que lhe falta,”⁴⁵ começa a suspender a razão do mundo, o homem absurdo pode se considerar um habitante da transcendência.

Mas o que é transcendência? : “a transcendência deixa de ser transcendência quando aprisionada em imagens. Só lhe compreendemos a linguagem quando assume forma de enigma. Ela própria se coloca para além de todos os enigmas.”⁴⁶ A transcendência é o enigma da existência; podemos dizer que ela é a compreensão de que no mundo não há razão que justifique a existência.⁴⁷ Podemos dizer que esta compreensão surge a partir do momento em que o homem percebe que é mais do que apenas um corpo, bem como nos diz Adélia Prado: “Escreve-se para dizer / sou mais que meu pobre corpo”.⁴⁸ Podemos entender o “escreve-se” não apenas em seu sentido literal, mas como a escrita de uma vida; a escrita diária das escolhas. O homem se escreve, se escolhe, traça seus caminhos, estabelece – até onde o possível se mostra – suas decisões. O homem absurdo transcende o físico quando passa a buscar sentido, já que o mundo natural não responde, não é suficiente. Para Jaspers “O mundo se apóia no caos”⁴⁹ e não na ordem, caos como dispersão, multiplicidade, e é este caos o enigma a que o homem tenta responder. Nesta descoberta do caos e conseqüente tentativa de resposta é que se faz a transcendência: o homem é mais que seu pobre corpo⁵⁰. A transcendência não admite respostas, é pura interrogação, não é corporal. Para Jaspers os enigmas encerram significação,

A significação de que falamos existe, entretanto, sem que exista o objeto significado. As significações que não podem ser reduzidas ao objeto significado são por nós denominadas enigmas. Significam sem significar algo específico. Esse algo reside no próprio enigma e não existe fora dele.⁵¹

⁴⁵ Ibidem, p. 27

⁴⁶ JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 2 ed. Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 107

⁴⁷ A razão aqui fala de uma lógica na qual é entregue ao homem um sentido e um caminho que não lhe são próprios, não se trata de escolhas suas. Não se trata de não haver nenhuma razão, mas que seja ela qual for precisa ser autêntica.

⁴⁸ PRADO, Adélia. *A duração do dia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 55 (Sem saída)

⁴⁹ JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 2 ed. Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 109

⁵⁰ Não falamos aqui de pobreza do corpo dando-lhe juízo de valor, mas no sentido de que o corpo não é suficiente, não basta, o homem absurdo necessita de algo mais; justamente porque foi a partir do físico, do corpo, que surgiu a percepção de um mundo sem sentido.

⁵¹ Ibidem, p.113

A significação não é material. Então de que se trata esta significação? Podemos dizer, ainda pensando com Jaspers, que se trata de escolhas. Escolher a terceira margem – a transcendência, o enigma – é escolher-se. Toda escolha é uma forma de se construir enquanto indivíduo, sempre escolher é sempre construir-se.

Consciente de sua liberdade, o homem sente ser ele próprio. Nos grandes momentos, faz opções. Não obstante, pode falhar na tarefa de fazer-se ele mesmo e, então, não sabe o que verdadeiramente quer, sucumbe ao arbitrário e à perplexidade. Perdido nessa ausência de si mesmo, torna-se consciente de que pode recuperar-se pela via da liberdade.⁵²

A via da liberdade é a via da escolha. O absurdo não nos é escolhido, “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer”, mas o que iremos fazer com esta informação é que se trata de escolha. O pai da canoa precisava escolher fazer algo a partir daquela informação, mesmo com dúvidas, a necessidade dos fatos nos impelem a tomar decisões, e não podemos fugir perante a construção do que somos, é preciso arriscar e arriscar-se. Jaspers nos diz ainda que “Em vez de nos preocuparmos com a corporeidade, importa darmos ouvidos aos enigmas da transcendência que “... nos falam, nos perturbam e nos sustentam.”⁵³ Curiosamente os enigmas também nos servem de sustento, como cegos somos guiados por certezas, como visionários, e só podemos acreditar que toda decisão pode não ser a melhor, porém a mais necessária.

1.2 Um homem absurdo

O absurdo tem em sua característica um aspecto de cisão, de rasgo, de ruptura com o mundo habitual cotidiano. Precisamos agora de ir mais além, ou mais anteriormente, para chegarmos lá no fundo, na mola propulsora que leva até o absurdo.

*Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer.*⁵⁴

⁵² Ibidem, p.111

⁵³ Ibidem, p.115

⁵⁴ *O mito de Sísifo*, p. 25

Numa esquina qualquer: aqui está se precisando a imprecisão do absurdo, quer dizer, ele não tem lugar nem hora certa para acontecer; não é necessário um acontecimento específico que a cada vez que aconteça desperta o despertado; quer dizer, não se trata nunca do mesmo acontecimento, há uma alternância, variação, o que desperta um homem qualquer não é o que desperta o outro homem qualquer, cada homem está espantado com alguma coisa diferente, podendo por vezes coincidir, mas isto também é coincidência. O absurdo não tem lugar nem hora certa para acontecer, é repentino, é a cedilha que surge na letra C e muda o sentido da palavra. Ç.

Já aqui podemos verificar que o absurdo não é coisa alguma que possamos facilmente identificar, *é isto, é aquilo, está aqui, aconteceu comigo, eu vi!* Tudo isto pode sim ser dito com propriedade, mas quem fala não está a falar do mesmíssimo fato. Fala-se sim do mesmo sentimento, mas não da mesma coisa que o gerou.

Um homem qualquer: esta frase já diz tudo por si mesma. Mas não diz tudo. (Sempre esse *mas* que aceita mas não completamente, que acrescenta, adversativo!) Para o absurdo, e como bem o que Camus, todos são privilegiados!

Este homem qualquer Camus o encontra, chama-se Sísifo, todo o esforço de seu ensaio é apenas falar sobre este *homem qualquer numa esquina qualquer*, que afinal de contas é todo pensador.

Precisamos ainda tecer considerações sobre o *este homem qualquer* e sua curiosa paixão pelo absurdo.

1.3 Sísifo e a pedra

É impressionante o espanto que Sísifo gera no pensador Camus, não se sabe se é o mesmo assombro que gerava nos gregos, os inventores e recriadores constantes deste mito, até porque Sísifo se apresenta desde sempre na imagem de anti-herói, anti-salvador, anti-deus e anti-deuses... E talvez seja justamente por esta irreverência singular que ele gera em Camus um saltar de olhos, um despertamento para o que os próprios gregos estavam a produzir e nem mesmo eles se deram conta: um homem! Há em Sísifo a construção do que é um homem e não do que possa vir a ser um, e não o ideal de um, todavia a mais completa e plena realização do que é. Talvez os gregos não tenham se enxergado em Sísifo tanto quanto Camus enxergou-se a si mesmo, porém ainda que não tenham visto nada de semelhante, de uma forma inconsciente, ou não, eles produziram uma tradução do ser humano quando inventaram Sísifo.

Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança.⁵⁵

Um homem condenado é sempre um homem condenado, seja na mais bela montanha, seja na pior das prisões emparedadas e acinzentadas, a condenação é por si mesma já simbólica demais, e para nós que vivemos no reino dos humanos, somos/fomos jogados neste reino dos símbolos. Os motivos que o levaram à condenação são pouco importantes, o fato é que há. Mas uma coisa não deixa escapar Camus em relação à rocha que levantava nosso anti-herói: “tornava a cair por seu próprio peso”. Antes de falar e comentar as possíveis razões que o levaram a tão grave condenação (e até o próprio sentido de condenação passa por uma transformação na visão camusiana, não tem todo o peso de culpa que comumente vemos, mas a condenação pela qual Sísifo passa é esta mesmo de estar preso à vida), Camus está mesmo muito mais preocupado não com o caminho até lá, à montanha, mas com esse homem mesmo no alto deste morro. Há um tratamento da inevitabilidade das coisas, não se pode/pôde evitar que este desgraçado homem chegasse lá, mas o que fazer com ele lá, pois lá já está? Nosso pensador esquece-se dos porquês tão caros ao pensamento filosófico, ele está mesmo visando o homem que já está aí, este ser-aí, este que já foi dado, já está jogado, que já não pode voltar atrás para deixar de ser; não enxerga em Sísifo a imagem do homem por um acaso; pois o que é o homem senão aquele que nem pode mais questionar acerca de seu nascimento, de seu estar-no-mundo?, já está nele quando percebe. O nascimento não faz parte da ordem das coisas revogáveis, das coisas que se podem tornar atrás, é, antes, da ordem do peso que uma vez posto jamais será deposto. E o que é Sísifo senão aquele que nasce a cada instante em que rola sua pedra para cima, mas apenas torna-se consciente disso quando a deixa cair e a vê? O perigo e a grandeza do homem estão no ver, não em qualquer ver, mas neste ver que percebe, repara, que salta e rasga o tecido cotidiano do comum. Platão já tinha nos chamado a atenção para esse perigoso sentido do ver, sair da ca-ver-na é ver. E Camus viu o que Platão nem pensou em ver, porém indicou: Sísifo em momento algum aparece dentro de alguma caverna, quando surge já surge bem fora dela, no pico da montanha; Sísifo está condenado a ver desde sempre, não o sol, mas a pedra, o sol é muito distante, a pedra é próxima, e tanto que ele mesmo está sempre a se tornar uma. A pedra é, desta forma, a imagem do real para nosso anti-herói, aquilo que dele está mais próximo, aquilo com o qual se abraça diariamente,

⁵⁵ *O mito de Sísifo*, p.137

aquilo que beija e pelo qual é beijado, o que o envolve, o esmaga, o assombra, a pedra é seu bem mais precioso, porque é o único, não se fala de Sísifo comendo, tomando banho ou conversando com os pássaros, isso seria desviar nossa atenção do essencial: a pedra é o peso.

De fato, qual é o peso das coisas?

As coisas caem por seu próprio peso. Havia ali o peso da condenação, sim, do castigo, sim, da culpa, sim; mas havia ali também o peso da própria rocha, da pedra, da própria coisa com a qual estava a lidar sem a consideração de um antes e depois, sem a consideração de um objetivo. Sísifo é puro caminho sem começo nem fim: um homem e sua rocha. E o que é a rocha?

Ao final deste prolongado esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a meta é atingida. Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície. É durante esse regresso, essa pausa que Sísifo me interessa. Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio!⁵⁶

É neste momento da mais pura e absoluta contemplação que Sísifo encara o penar de seu trabalho indo por água abaixo, que encara todo seu esforço como sendo mais uma vez apenas o início, o reinício e nisto consiste a dificuldade de enxergá-lo como um caminho apenas, um meio sem extremos nem margens, pois se o trabalho está sempre a reiniciar, como não perguntar o “*para onde?*”, “*até quando?*”, “*por quê?*”.

É nesta hora que sua consciência salta: aqui torna-se consciente de sua condenação eterna. A pedra e o homem da montanha são agora um e o mesmo, são um só. É o peso de ser pedra, ele mesmo, sendo um homem. Se Camus traz de chofre esta identificação entre homem e pedra, não é à toa, ele deseja sim falar de alguma coisa a mais, algo mais no qual a filosofia ainda não ousou tocar, ou seja, a pedra de toque para a compreensão do humano, um homem-pedra, tentando sair do hábito de ver o humano como ponte que vem de um lugar e deságua num alvo, ou seja, como meta para um fim; mas como ponte por ser apenas caminho, travessia que deságua em travessia, e a vida ser isso mesmo.

A pedra é a imagem mor do peso, da ausência de pensamento, da frieza, da distância, da indiferença, do vazio, da estaticidade e sendo assim é a imagem daquilo que nenhum ser em sã consciência deseja carregar, a pedra é um incômodo e uma desnecessidade, para nada serve, nada acrescenta, “*pedra para quê te quero?*”, não há nela utilidade, só uma realidade

⁵⁶ Idem, p.138 e 139

muita dura, muito cruel, fria, distante, desapegada, inafetiva, a pedra não serve para nada; mas este pobre homem condenado está todo dia a se tornar como uma delas, especificamente como aquela que o acompanha, aquela com a qual os deuses o presentearam. A pedra não serve, contudo cabe-nos perguntar, para que serve o homem também? Esta cruel identificação homem-pedra talvez fizesse parte do objetivo dos deuses quando a deram para Sísifo... O anti-herói tem como presente cuidar daquele objeto inútil, calado, indiferente, pedra de tropeço para o trôpego homem. É neste momento em que a contempla cair, que Sísifo percebe: a pedra fala! Não é oca e vazia como pensava, a pedra conversa com ele e agora ele quer ouvi-la. O oco do mundo tem voz para os olhos contempladores. Sísifo vê.

1.4 Sísifo ama a pedra

A hora do rolar da pedra é a hora do desespero, do horror, da angústia, é o anúncio “todo trabalho é inútil”. E se a pedra é seu maior e único bem, sua pedra de estimação, então nosso anti-herói é, por excelência, um perdido, o maior de todos, pois seu único bem acaba de mostrá-lo que ele terá que reiniciar seus esforços e a força do seu braço deverá ser tão grande como na última vez e ainda redobrada por conta do cansaço da última vez e a última vez nunca é em verdade a última, é mais uma, sem finalidade, sem ajuda, é o homem dentro do mundo com uma vontade constante de sair dele, custe o que custar. Mas por maior que seja o custo, Sísifo não sairá dele, antes, só tem a ele, pois até mesmo já está morto e não tem mais para onde morrer, é uma morte em vida, uma vida mortuária; a mesa está posta (a montanha), o pão servido (a pedra), mas a fome some (rolar a pedra). “Que castigo!”, pensaria qualquer um ao refletir um pouco que seja, e “que coisa deve ter feito este homem para receber o castigo que recebeu”, pensaria qualquer um, inclusive o próprio condenado, “miserável homem que sou!”, disse Paulo de Tarso. Mas o homem da montanha não é um comum. Sísifo vê.

Censuram-lhe primeiro certa leviandade com os deuses. Ele revelou seus segredos. Egina, filha de Asopo, foi raptada por Júpiter. O pai estranhou seu desaparecimento e se queixou a Sísifo. Este, que estava sabendo do rapto, ofereceu-se para instruir Asopo, com a condição de que ele desse água à cidadela de Corinto. Preferiu a benção da água aos raios celestes. E como castigo acabou nos infernos. Homero nos conta também que Sísifo havia acorrentado a Morte. Plutão não pôde suportar o espetáculo de seu império deserto e silencioso. Enviou o deus da guerra, que libertou a Morte das mãos de seu vencedor. Contam também que Sísifo, já perto de morrer, quis imprudentemente pôr à prova o amor de sua esposa. Ordenou que ela jogasse seu corpo no meio da praça

pública. Sísifo foi para os infernos. E ali, irritado por uma obediência tão contrária ao amor humano, obteve de Plutão a permissão de voltar à Terra para castigar a mulher. Mas quando tornou a ver a face deste mundo, a desfrutar da água e do sol, das pedras tépidas e do mar, não quis voltar para as sombras infernais. As chamadas, cóleras e advertências nada conseguiram. Durante muitos anos ele continuou morando em frente à curva do golfo, com o mar resplandecente e os sorrisos da Terra. Foi preciso uma intervenção dos deuses. Mercúrio segurou o audaz pelo pescoço e, tirando-o de sua alegrias, trouxe-o à força de volta para o inferno, onde sua rocha já estava preparada.⁵⁷

A condenação de Sísifo, como é bem evidente para Camus, se dá por conta de sua alegria e bem estar com a terra. Trata-se sempre de aproveitar ao máximo que se pode tudo o que se tem, sem dar contas ou satisfações - nem mesmo quando o caso são os deuses -, sem se importar, sem olhar para o lado ou para cima, Sísifo é egoísta demais e olha apenas para dentro, o que significa amar-se em demasiado para dar alguma satisfação de si, e com o forte desejo de que todos pudessem assim também fazê-lo. Sísifo é um homem sem culpa ou medo, logo sem dívida alguma, é um ser abastado no qual tudo basta, tudo supre, a terra com os seus mínimos e menores encantos são para ele os mais esplêndidos e maiores. Esse jeito desajeitado de fazer tudo sempre sem pensar muito em seus fins é que faz de Sísifo um anti-herói por excelência, ele só possui o momento que se põe à sua frente e nada mais, nem o amor o prende, mas talvez o amor próprio. Nosso anti-herói está de olho na vida, tentando captá-la em seu mais ínfimo detalhe e se algo o escapa já perdeu então milênios de sorte ou azar; ele prefere a água à sua frente em lugar dos raios solares, e prefere a água o sol as pedras em lugar de cumprir o que tinha proposto; tudo o distrai, tudo o fascina, tudo o encanta como a quem acaba de nascer, o esquecimento não é intencional, é natural, tudo importa e pouco importa do que se trate, tudo é válido quando se está vivo! Logo, não há maior castigo para alguém que ame a vida do que a condenação a uma prisão, ou seja, a um lugar estático, gélido, insuportavelmente silencioso e perante o maior símbolo do silêncio e da distância: uma pedra.

É Camus quem nos orienta em direção a um lugar, um modo e uma maneira de olhar para nosso homem da montanha: “*É durante esse regresso, essa pausa que Sísifo me interessa*”.⁵⁸ É o Sísifo pausado que Camus quer e requer, é quando o homem do prazer se encontra com sua consciência, é quando pensa no que está a fazer, é quando a pedra lhe fala mais alto que tudo, lhe fala de quem foi, do que fez e do que ainda será. O homem que rola a pedra vê o absurdo no qual se encontra!, e vê ainda que deste absurdo não tem mais saída, já

⁵⁷ Idem, pp. 137 e 138

⁵⁸ Idem, p.139

escapului muitas vezes seguidas, talvez a sorte não o encontre novamente. O homem só tem a pedra e por isso decide então decidir: a pedra ou nada. E como só tem a pedra, decide então por ela. Sísifo a ama e dela não pode mais escapar. Sísifo viu.

1.5 Sísifo contraventor

O dia é lindo. E a vida de Sísifo na terra, talvez, não pudesse ser melhor, por pior que fosse, pois não se tratava de ter isso ou aquilo, de ser possuidor ou despossuidor; não se tratava de um abastamento financeiro ou de riquezas... O que Camus parece estar querendo nos dizer é relativo à natureza mesma deste homem: contemplativa! Em todo momento que Camus está a nos contar algo sobre este anti-herói, sempre está por observar algum detalhe que pode nos escapar, pois é no detalhe que está contida a vida de um sujeito, é no seu micro, no seu intermezzo, no que não se contou, nos pensamentos íntimos e diários os quais não são vistos a olhos nus, pois a imperceptibilidade é cruel quando se trata de reconhecer uma história de um povo ou de um homem, ela sempre a analisa pelo seu macro, pelas maiores ações, pelos maiores acontecimentos, por aquilo que pareceu ser e não o que foi de fato, e não o que quis ser. Camus quer olhar para este homem imperceptível que há não só em Sísifo, mas é bem característico de todo homem, aquele olhar que escapa, aquele gesto, a sobrancelha alterada, a mão na nuca, o calafrio que ninguém jamais saberá, a dúvida lancinante, o medo que trai..., quer olhar para o que Sísifo *quis ser*... Nosso pensador sai do costumeiro olhar que se volta, e só se volta, para a finalidade da ação, para o concreto, objetivo objeto, concludente reação. Não. Camus enxerga algo mais e além, porque enxerga o mínimo, é este mínimo que diz tanto sobre tudo, que diz tudo sobre o todo. Sísifo é um caso psicanalítico, não por patologia, antes, por minimalismo.

Os heróis são relatados por seus grandes atos finais, já o anti-herói é relatado por seus atrapalhos, descuidos, relapsos, esquecimentos, gargalhadas (já que os heróis costumam não rir muito), medos, assombrações, fantasmas inexistentes. O anti-herói não salva o mundo, quem sabe consiga salvar a si mesmo das próprias armadilhas que se armou sem saber. Mas, sobretudo é preciso ressaltar e dizer: o anti-herói faz tudo por amor. A filosofia não está pronta para ouvir algo relativo a sentimentalidades e choramingos pessoais, e nem se trata disso também, trata-se de amor à sabedoria (o que nunca deixará de ser algo pessoal e íntimo). Sísifo jamais foi visto como sábio, mas Camus olha para este lado imperceptível desta sabedoria de alguém consciente da transeuntidade do existir, é como se o considerasse um filósofo e dos maiores, não por aquilo que elaborou, escreveu, dissertou, mas justamente

porque quis se passar por imperceptível aos olhos de toda a gente para poder exercer a liberdade de amar seus dias, seus poucos dias aqui na terra.

Sísifo é muito relapso para ser herói, o descuido é sua guia, o cajado que o encaminha só obedece às suas próprias intermitências, Deus o escreveu linhas tortas demais. Quando na terra qualquer coisa esvoaçante chamava sua atenção, era como uma criança em dia de passeio dominical, era como se a cada minuto estivesse de novo a descobrir a vida, e mais uma vez, e novamente, a eterna descoberta terrena. Uma mente assim tão encantada com tudo o que há pouco se dava conta do que podia acontecer se colocasse o dedo na tomada dos dias, por certo se queimaria. A moralidade dos deuses, a imparcialidade dos homens, os olhares constrangedores dos censores, as regras impostas, a infidelidade, o desamor, a desconfiança, tudo era equivalentemente desimportante para este que amou! Não havia contrato social, havia contrato com o ver. Sísifo via a vida e isto parecia lhe bastar, por mais que não a entendesse (isto era vaidade de loucos sábios), entender era muito e demais, ele queria mesmo era pôr os pés no chão e senti-lo sempre como se a última vez estivesse a acontecer.

Um homem que amava tanto a terra não podia estar brincando de viver, antes a levava mais a sério do que muitos, posto que viver não era para ele uma questão de entender, e sim de ser e amar ao máximo aquilo que se é.

Sísifo acorda pela manhã, se é que dorme, e sua pedra já está lá, não há ninguém para ajudá-lo, ela é toda sua; a pedra o olha como se soubesse que ele não a quer, as vozes dos deuses devem ainda retinir em todo o seu corpo e cada passo seu em direção à rocha deve conter um peso eterno que o finca cada vez mais no chão onde pisa - e quem é que decide os pesos das coisas senão aquele próprio que sente o peso? Olhar para este homem é ver nitidamente um destino, um desatino, um descaminho, um des-lugar. Ele é o reverso da imagem que se tem de um homem, é uma anti-vida. Mas para Camus “um destino não é uma punição”⁵⁹, o des-tino, aquilo que não atina, aquilo que se joga, que erra, que não mede, é desmedida pura... O fato de ser desmedida poderia assustar-nos, porém não se trata da desmedida que é contrária a medida, se trata do homem jogado, como diria Heidegger, sem ter optado por nascer está destinado a viver. Mas não confundamos com pré-destinado, pois o destino é o próprio caminho que se realiza enquanto se caminha.

Este destino não foi reservado apenas ao homem que rola a pedra, todo homem é possuído por seu destino. Sísifo olha em direção à pedra, e “um grau mais baixo e surge a

⁵⁹ *O mito de Sísifo*, p. 88

estranheza: perceber que o mundo é ‘denso’, entrever a que ponto uma pedra é estranha”⁶⁰, a relação com ela é de horror, pânico, ódio, como num pesadelo do qual não se acordará jamais, a vida não é mais bela. Mas não é assim que Sísifo compreende. Ele está agarrado a uma vida que não escolheu, ou melhor, todas as suas escolhas o levaram até aquele momento, ainda que tenha sido uma escolha enviesada, a pergunta que certamente este homem se fazia constantemente é: até que ponto escolhemos o que escolhemos?, até onde são nossas estas decisões?, onde se encaixa nisto tudo a liberdade, e o que é ela?

Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície. É durante esse regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio!⁶¹

Já é pedra ele próprio! Agora não havia mais uma relação sujeito-objeto, havia unidade clamando; ele já não mais se diferencia desta rocha, mas está tão grudado a ela, tão íntimo, perto, que acaba por estar dentro; se um homem só tem a pedra, então é a ela que dedica seus dias, sejam eles doces ou amargos; e não apenas possui a pedra como ela também o possui, siameses no tempo, gêmeos no mundo, eternos na contemporaneidade. Se ele apenas tem a ela e é possuído por esta, ou seja, se se tornaram um, então sua decisão de homem será: amar!, sua de-cisão é operar um corte entre o ódio comum às coisas que surgem e o amor que agora dedicará a ela. Não há para onde fugir, tudo sempre remete àquela poeira indesejada encostada em seu rosto de lama e alma; e se ele tem uma personalidade, por que a pedra não? O homem da montanha precisa decidir: amar-se ou não, e se o fizer amará juntamente seu objeto concreto, posto que são uma só carne; ou ele abandona-se ou toma-se para si mesmo, ou adquire-se ou perde-se, ou torna-se deus de si mesmo, herói de si mesmo, ou deixa que seus deuses o dominem por completo. Quando decidir tornar-se herói de si mesmo será anti-herói para o resto do mundo. Afirmar-se é negar todo o resto e negar-se é afirmar todo o resto, tudo o que resta; porém se afirmar tudo, sua vida será assim a condenação que nenhum homem quer para si, ou seja, carregar pesos exorbitantes para além do que pode carregar: a pedra é sua medida exata! Sísifo diz um grande sim para a vida!

⁶⁰ Idem, p. 28

⁶¹ Idem, p.138 e 139

O que se nos apresenta em Sísifo é uma relevância forte e extrema da repetição. Talvez seja ela a mola propulsora para o absurdo. Foi-nos necessário falar primeiro deste homem, Sísifo, elogiá-lo, compreendê-lo, para então entendermos quão estreita é a sua relação com a repetição, aliás, Sísifo não seria nada sem ela, *Sísifo vê a pedra, Sísifo rola a pedra, Sísifo está com a pedra, Sísifo foi entregue à pedra...* A pedra é a representação da repetição. Em todas estas formulações de frases sempre há um acompanhamento da pedra, a pedra é o objeto de Sísifo, é também o seu sentido; ele não só está com a pedra como “já é pedra ele próprio!”.

A pedra que rola. Sísifo que vê. Repete-se. Repete-se muito. Sísifo entende. “A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência”⁶². O movimento da consciência é este movimento do entendimento da repetição. A lassidão está ao final. O cansaço, a fadiga, o tédio está ao final. Mas!... inaugura o movimento da consciência! Entre a lassidão e a inauguração existe um espaço e um laço que divide e reúne – aquele laço do qual antes falávamos que liga absurdo e nada – este laço outrora denominamos repetição, mas podemos completá-lo com outro nome: espanto!

Camus só se interessa por Sísifo por causa desta pedra junto dele, por causa deste castigo divino, por causa deste homem que vê a pedra rolando para baixo e sente sua consciência trabalhando, se movendo: *Quantas vezes terei de fazer esta mesma coisa?* e conclui: *Viver é isto, isto mesmo que acabo de ver!* Somente a repetição com sua força avassaladora de cansaço permite enxergar o ciclo, é *espantoso* o ciclo, é *admirável* o ciclo, tudo o que se tem é o ciclo, viver é o ciclo, viver é cíclico... Percebendo isto ou se reafirma a vida ou a saída é o suicídio. Esta repetição-espanto podemos chamá-la de *finitude*. Heidegger nos define bem o que é finitude, mas não sem antes definir filosofia, utilizando-se das palavras de Novalis: “A filosofia é propriamente uma saudade da pátria, um impulso para se estar por toda parte em casa.”⁶³

Saudade: ausência

Ânsias para em toda parte sentir-se encaixado, acolhido, afagado, bem-vindo, benquisto; ânsias para sentir-se em casa.

Esta ausência de casa, de pátria, é não sentir-se filho, parente, próximo, é uma não-identidade com o mundo, estrangeirice, língua estrangeira, fora do lugar, não-lugar.

⁶² Idem, p. 27

⁶³ *Os conceitos fundamentais da metafísica*, p.7

Desejamos “estar em casa a qualquer momento, e, sobretudo, na totalidade”⁶⁴. Esta totalidade é o que Heidegger chama *mun*do.

Somos impelidos, em nossa saudade da pátria, para o ser na totalidade. [...] Estamos a caminho desse *na totalidade*. Nós mesmos somos este “a caminho”, esta travessia, este *nem um, nem outro*. O que significa ficar oscilando entre o nem um nem outro? Um, não, mas também não o outro, este *claro que sim, e, porém, não e novamente sim*. O que é essa inquietude do não? Nós a denominamos *finitude*. [...] Ela é o modo fundamental de nosso ser.

A abertura para esta finitude dá-se por meio daquela saudade, é esta saudade o reconhecimento de que não se tem algo que já se perdeu, já sempre se perdeu. Em que momento, quando e como? Não há esta precisão de onde, quando e como. Nascer já é estar assim perdido. Esta saudade é então saudade de nada!

Sísifo não poderia perceber repetição-espanto que desemboca no absurdo podendo ou não levar ao suicídio sem sentir por conta disso tudo uma enorme saudade de estar em casa.

Esta saudade, que não é saudade de coisa alguma, mas de alguma coisa, é o que pinta de cores mais vivas o quadro da filosofia, é esta vontade de que a saudade não seja mais saudade, ou a vontade de, ao menos, explicar esta saudade. Esta saudade é certamente um vazio. Mas que será esta saudade, este vazio, esta angústia, esta nostalgia? Sísifo o saberá explicar: é nada.

1.6 A paixão pelo absurdo

Janine é a personagem principal de *A mulher adúltera*. Um conto em que Albert Camus expõe a pacata vida de uma dona de casa que acompanha seu marido numa viagem de ônibus para realizarem compras e vendas de tecidos para a loja que seu marido é dono.

O caminho da viagem de ônibus é repleto de questionamentos. Janine começa a se sentir incomodada com os árabes a seu redor e, em especial, com uma mosca que invade o ônibus enchendo-o de seu zum zum e com seu passeio aéreo incomodando, curiosamente, apenas a Janine e a mais ninguém. Parece que a mosca é quem desperta em Janine uma preocupação, iniciada como uma simples irritação, com o tempo. Pois é a partir desta mosca que seus questionamentos se voltam todos para questões temporais. Janine começa a

⁶⁴ Idem, p. 7

perceber que já se passaram vinte e cinco anos desde o seu casamento e é aí que se dá conta da passagem deste tempo. A surpresa com este tempo que não retorna e, sobretudo, a surpresa com o que foi feito dele, com ele e apesar dele. Suas memórias a remetem à infância, seu antigo corpo, seus antigos anseios, hoje mais ou menos realizados, seu casamento, nem bom nem ruim. E, sobretudo, é-nos revelado por Camus, aqui mais uma vez como em *O Estrangeiro* (no caso de Mersault e a relação com a mãe que não suporta, porém ama), toda a crueza do desgaste das relações duradouras, as coisas que se escondem ou se falam, aquilo que se suporta no outro, as poucas conversas, o desinteresse, a indiferença, e até mesmo o descaso, mas no fundo uma tentativa de ternura, pelo menos por consideração a uma lembrança ou a qualquer outra coisa. A mulher, esposa, companheira começa a reparar em seu marido como se nunca antes o tivesse feito. Mas por fim o aceita como sempre o fez e faz. Janine se sente só e é de sua solidão de onde vem sua angústia, angústia tal que a põe de cara com o nada.

A certa altura do caminho o ônibus para, por conta de um defeito, e todos veem os pastores no deserto, mas só de relance, bem rápido os veem. Os pastores no deserto são os guardadores do silêncio e, portanto, da palavra. São os poetas com que Janine encontra, apenas vê e de longe. O que o deserto despertou em Janine não havia ainda sido despertado antes, foi o deserto que lhe trouxe uma consciência de abandono, de solidude e também de finitude. E foi o deserto que a trouxe a ausência de palavras como se vê no fim do conto, mas esta ausência não se dá porque ela não sabe as palavras, mas porque o sentido delas agora anda tropeçando ante a boca espantada e os olhos agora míopes de Janine.

É aí que nossa personagem começa aos poucos a adentrar num terreno filosófico, e só dissemos filosófico porque pensar a finitude e, também, início, princípio, tem tudo a ver com os pensadores originários, pré-socráticos, e com o pensamento que nasce a cada vez que alguém se surpreende com o *haver realidade*. Trata-se da surpresa com o haver, foi o que Anaximandro denominou *ápeiron*, “indeterminado”, origem sem origem.

Ao chegarem no local desejado e realizarem seus negócios Janine decide visitar um ponto turístico da cidade, uma torre de onde se vê todo o deserto. E é lá que a mulher vê finitude-infinitude, tempo indivisível e plenitude.

O fato é que a subida dentro da torre até a chegada de seu ponto mais alto se assemelha a uma outra subida também "*longa e íngreme*": a saída da caverna de Platão. E Janine também teria visto o sol lá em cima, tal como o viu o filósofo platônico? Neste caso não foi o sol que entregou a percepção de uma unidade, de uma totalidade, de uma

abrangência da qual sempre se faz parte sem saber... Mas Janine percebe que acima deste espaço no qual estamos, habita o silêncio, o vazio, o horizonte, vê onde céu e terra se unem e ao olhar esta linha pura, percebe que ali tinha algo que sempre lhe faltara e que estava agora à sua espera.⁶⁵ É durante esta visão do real que a mulher sente-se livre como jamais antes, livre do hábito e do tédio, e ao mesmo tempo tão apaixonada pelo hábito e pelo tédio ao observar de lá de cima as casas e as vidas dos homens anônimos donos daqueles pequenos pedaços de terra. Nunca se interessara tanto por suas vidas de tédio e hábito. Tão dentro do tempo e tão fora dele, ela vê o cotidiano e o eterno, o divino e o terreno, vê que o tempo nos ultrapassa, mas nos contém. Janine se encontra e se surpreende com sua finitude e, como dissemos, aquela mosca, que curta vida tem, tinha mesmo influenciado nossa personagem, ou ao menos anunciava, evocava o tom curto e passageiro da vida.

desde sempre sobre a terra seca, raspada até o osso, desse país desmedido, alguns homens caminhavam sem trégua, sem nada possuir mas sem servir a ninguém, senhores miseráveis e livres de um estranho reino. Janine não sabia por que essa ideia a enchia de uma tristeza tão suave e tão vasta que lhe fechava os olhos. Sabia apenas que esse reino, desde sempre, lhe fora prometido, e que nunca, porém, seria seu, nunca mais, a não ser talvez nesse instante fugidioso em que reabriu os olhos sobre o céu subitamente imóvel, e sobre as ondas de luz imobilizada, enquanto as vozes que vinham da cidade árabe se calavam bruscamente. Pareceu-lhe que o curso do mundo acabara de parar e que, a partir desse instante, ninguém mais envelheceria nem morreria. Em todos os lugares, de agora em diante, a vida estava suspensa, a não ser no seu coração onde, nesse mesmo momento, alguém chorava de tristeza e de deslumbramento.⁶⁶

O que se nos torna claro é da dificuldade que Janine terá para explicar o que sentiu.

Após o ocorrido segue para o hotel onde vão dormir. A mulher, insone, repensa o que seria de sua vida sem Marcel, o esposo. Camus nos deixa claro o quanto Janine dependia deste homem e ele dela, e o quanto ela só sabia viver se fosse para ele. Marcel é o que prende Janine justo naquilo do qual ela se sentira livre antes: hábito e tédio. Sabia ainda que essa relação de necessidade já tinha excluído o amor há algum tempo,

certamente [ele] não a amava. O amor, mesmo cheio de ódio, não tem esse rosto descontente. Mas qual é o rosto do amor? Amavam-se no meio da noite, sem se verem, tateando. Existiria outro amor que não o das trevas, um amor que gritasse em plena luz do dia? Não sabia, mas sabia que Marcel precisava dela, e que ela precisava desse precisar, que vivia disso noite e dia...Não, ele não a amava, simplesmente tinha medo do que não era ela, e deveriam ter se separado há muito

⁶⁵ *O exílio e o reino*, p.25

⁶⁶ *O exílio e o reino*, p.26

tempo para dormirem sós até o fim. Mas quem consegue dormir sempre sozinho?
67

A crueza com que Camus apresenta o amor frio e, quase, interesseiro, chega a ser terna, porque fala das necessidades mais básicas sem se achar que são necessários grandes motivos para elas. No fim das contas eles não tinham medo de perderem um ao outro, tinham medo da morte, e Janine ao pensar nisso: "se eu superasse esse medo, seria feliz..."⁶⁸ Todos os hábitos odiados ou adorados no outro eram no fundo um modo de morrer junto dividindo dores e alegrias para tudo pesar menos.

A mulher não dorme e é no meio da madrugada que foge da cama que ocupava com Marcel e consegue se libertar dele e do que representa ele, corre em direção ao Forte novamente:

Depois de tantos anos durante os quais, fugindo do medo, corra loucamente sem objetivo, finalmente se detinha. Ao mesmo tempo parecia que encontrara suas raízes, a seiva tornava a subir por seu corpo que já não tremia... Então, com uma suavidade insuportável, a água da noite começou a encher Janine, submergindo o frio, elevando-se pouco a pouco do centro obscuro de seu ser para transbordar em ondas ininterruptas até sua boca cheia de gemidos. No instante seguinte, todo o céu se estendia acima dela, cobrindo a terra fria. Quando Janine voltou, com as mesmas preocupações, Marcel não estava acordado.⁶⁹

A mulher reencontra com a Coisa toda novamente no Forte, parece que ela se superou, heroína de si mesma! Ao voltar em prantos no meio da noite para o quarto com o marido ele a pergunta por que chora e ela apenas diz: "Não é nada, querido, Não é nada."

A angústia nascida em Janine ainda dentro do ônibus no deserto desemboca num encontro repentino com o absurdo, um absurdo que não se sabe explicar ou falar qualquer coisa sobre ele. O adultério só se configura a partir do momento em que a esposa não precisa mais do esposo, sente-se livre dele após seu encontro com aquilo que ela não sabe explicar. Janine torna-se pois, a partir de agora, adúltera.

O absurdo se torna para Janine uma paixão e um apego, muito mais que uma descoberta científica, ou mesmo filosófica, é antes um transbordar dos afetos em direção ao

⁶⁷ Idem, p.28

⁶⁸ Idem, p.29

⁶⁹ Idem, p.32

indizível. Vilém Flusser, por exemplo, chama esta conversa com o indizível de oração ou reza. “A região da oração está tão afastada da região da conversação que quase não parece ser mais língua. Parece ser a tentativa de articular o inarticulável, de pensar o impensável.” Janine tenta traduzir-se, mas esbarra em nuvens espessas onde a linguagem enquanto explicadora e comunicadora de um sentimento, de um fato, se torna impossível, porque inadequada, se torna antiquada porque não exata. E como falar em exatidão quando se trata da absurdez de existir? Em Janine o absurdo se mostra como uma paixão, justamente pelo fato de ela ter de retornar a ele e reencontrá-lo e achar sentido nele!

Não existem argumentos para viver. Quem chegou ao limite ainda pode recorrer a argumentos com causas, efeitos, considerações morais etc.? É claro que não. Restam-lhe apenas motivos infundados para viver. Nos cumes do desespero, só a paixão do absurdo ainda pode lançar uma luz demoníaca sobre o caos. Quando todos os ideais correntes: moral, estético, religioso, social etc... não podem mais imprimir direção e finalidade à vida, como é possível mantê-la a fim de não se transformar em vácuo? Somente por meio de uma aliança absurda, de um amor pelo inútil absoluto, quer dizer, por algo que não possa atingir uma determinada consistência mas que, através da ficção, possa estimular uma ilusão de vida.⁷⁰

O que se passa, tanto com Janine quanto com Sísifo, é a paixão absurda que neles surge ao se verem cercados pelo indizível. Por aquilo que nunca é explicado, compreendido.

O absurdo toma aqui um outro aspecto, agora não só enquanto acontecimento extraordinário, mas enquanto acontecimento extraordinário que se torna paixão e sentido. A dificuldade que Janine tem para falar sobre o que lhe acontecera, a impossibilidade que interrompe nela o fluxo de fala e pensamento é a mesma que assalta Sísifo ao ver sua pedra rolar para baixo. Os dois estão na tentativa de abordagem do inefável, lidam com ele e pouco o compreendem a ponto de saberem explicá-lo. Suas bocas estateladas são a expressão maior da sua incompreensão.

Podemos afirmar que estes personagens estão por ora muito próximos do acontecimento poético, aquele em que se tenta tirar do nada as palavras, ou seja, o sentido. O que se expressa, ou seja, esta tentativa de explicação e fala, deve ser melhor exposto no capítulo a seguir onde abriremos um caminho esclarecedor sobre a tentativa de dizer o indizível.

⁷⁰ Nos cumes do desespero, p. 22

2 INTERLÚDIO- A EXISTÊNCIA COMO POÉTICA DO INEFÁVEL (CONSIDERAÇÕES SOBRE O INDIZÍVEL)

O homem fala na medida em que sente, e este homem não escolheu sentir, no entanto sente, tampouco escolheu ele nascer, e, no entanto, nascido está quando dá por si; e quando dá por si também já usa uma linguagem para expressar o que sente, sem que tenha pedido para sentir, desde que nasceu, sem que tenha pedido para nascer. Se olharmos a vida desta maneira é o homem então apenas um lugar de atravessamento do ser, passando pelos sentidos, em direção, em desembocadura na linguagem. É, portanto, o homem algo que não se pode estimar muito como coroa da criação; no livro bíblico do Gênesis Deus vocaciona Adão para dar nome a todas as coisas, tem-se aí então a sequência:

Deus/Ser → Sensação → Linguagem

Deus como a base criadora, sustentadora⁷¹; a sensação como sinônimo de vida, do nascimento à morte; e a linguagem como (tentativa de) tradução da sensação, sensação esta que é gerada por algo que a antecede, a base oculta da geração da vida; desta maneira Deus caminha em direção à linguagem e a linguagem sempre retorna a Ele. Ao olharmos para esta base oculta, misteriosa da vida, estamos fazendo metafísica, estamos olhando em direção ao ser e descobrindo que o ser só se mostra pelas suas formas de ser, usamos a palavra forma como alteridade para linguagem, sabendo que a forma/linguagem sempre depende do sentido. Em última instância estamos à procura do sentido, do *Verbo*.

A linguagem estertora, pois não consegue atingir os sentidos profundos do que se pretende dizer, dizer é sempre pretender, sendo assim o dizer é sempre limitado à medida que tenta alcançar o sentido último das coisas. Desta maneira, o objetivo da linguagem, e de toda língua, é cercar o sentido do ser, cercá-lo, rodeá-lo, caminhar à sua volta, estar à espreita sem nunca alcançá-lo; o ser sempre escapa, escorre por entre os dedos, água evanescente, areia movediça, sumiço; dizer *ser* é dizer coisa nenhuma, é estar aquém do que se pode compreender, ou quem sabe é estar na anterioridade de toda compreensão. Antes ou depois de todo entendimento, esta incrível circularidade que a linguagem faz na compreensão só revela este caráter cíclico, circular, esférico da linguagem em torno do ser, já apontado por Parmênides; a linguagem dá um nó na compreensão justamente porque seu fundo, seu esteio e base não é nada de sólido, é líquido, é o por-fazer, é o se-fazendo, é o entorno, a cercania do ser; por isso a inconstância da palavra, os múltiplos significados, os

⁷¹ Ao colocarmos Deus e Ser um ao lado do outro não estamos querendo igualar conceitos, mas falar da origem mística e sagrada da realidade.

sentidos variegados, as com-fusões; e não apenas ela dá um nó na compreensão, como ela é o nó da compreensão, ou seja, é o que segura, amarra a compreensão, prendendo-a; sobretudo com o passar do tempo a língua assume outras formas, outros sentidos, implode nas mãos do falante, é um organismo vivo na boca do homem, é ela agonia do agonizante, é a palavra o *quem* que fala por meio do homem, sendo o homem apenas meio, canal por onde ela passa, atravessa, é sentido tomando forma.

Os nossos cinco sentidos são aquilo que vem da sensação e caminham em direção à expressão, à forma. O ver, o ouvir, o cheirar, o paladar e o tatear são as únicas formas possíveis para a tradução da sensação. As sensações captam o ser das coisas e o transformam em símbolos, falados ou não, sem nunca conseguir traduzir por inteiro o ser da sensação, sem nunca acessá-lo com inteira plenitude, logo esta captação do ser é limitada.

Só usamos a expressão *sentido do ser* por conta do acontecimento de sentido que depende do inteligível e que não pode dispensar os nossos cinco sentidos, quer dizer que apenas somos capazes de compreender o ser naquilo que ele se revela por meio dos sentidos disponíveis, operantes em nossos corpos. E até mesmo em nossos corpos apresentamos contradições, já que não é possível ouvir uma cor, nem cheirar um som. Sendo assim, um sentido é inacessível ao outro, e muito mais ainda inacessível é o que sente um outro corpo. Por isso sentido do ser é sempre sentido-do-ser-para-mim.

O sentido é uma revelação possível do ser, ou seja, uma revelação daquilo que se pode alcançar, e nunca a sua totalidade. O ser mesmo é um nada, é um núcleo donde brotam os sentidos que tentam dizê-lo e expressá-lo sempre. O ser é o sustentáculo da sensação e é esta que dá origem à linguagem. O sentido seria uma revelação do *ser* por ser o lugar de maior variação da vida humana, sendo, aliás, a variação aquilo que dá a moção da vida humana, não há vida estática mas em constante alteração; tudo isso é captado e compreendido por meio dos sentidos variados, que revelam a inalcançabilidade de um discernimento unívoco do *ser* na linguagem. Ainda que se possa conceber o *ser* como sendo sempre igual a si mesmo enquanto mesma fonte inesgotável (e é aqui que entram todos os problemas filosóficos de movimento e estaticidade, unidade e multiplicidade...), sua forma de revelação é pelas muitas formas. Essa inalcançabilidade de uma univocidade do *ser* coincide com a nossa apreensão das sensações e da linguagem como fluxo. Portanto o rodear em torno do *ser* é o ofício da sensação que se traduz em linguagem a todo o momento. Se o corpo fala, como crêem os psicólogos, e é possível compreender seus códigos, existem códigos corporais que não se sabe bem o que querem dizer, porque chega um momento em que as traduções implodem por causa do excesso de significação, até atingir o ponto de não

significarem nada, já que as possibilidades de sentido são infinitas e como as possibilidades são mesmo sempre infindas e não há uma certeza, mais uma vez os códigos falham e a pergunta se impõe: que quer dizer a linguagem?

A Palavra

A palavra é retalho de uma colcha, de um tecido chamado língua; a palavra é a composição deste tecido e por ser retalho é incompleto quando sozinho, fazendo sentido completo somente quando agregado a outros retalhos. A palavra por si só, apesar de fazer sentido mesmo quando solta, só forma um conteúdo significativo quando atrelada a outras, ou seja, transmite uma mensagem, um percurso, um tema, em suma, uma história. (a palavra *Chove*, por exemplo, faz sentido sozinha, neste caso ela se apresenta suficientemente como verbo; mas *Arroz*, não faz sentido a não ser dentro de um contexto; ou seja, é possível entender uma palavra quando solta, todos sabem o que é *arroz* ou *parede* ou *óculos*, se falados sozinhos sem o contexto de uma frase; todos sabem o que estas coisas significam, porém chamamos de sentido completo aquela qualidade da palavra de poder se remeter à coisa e isto dentro de uma frase, e como uma coisa está sempre atrelada a outra, o sentido de uma, só é possível concomitantemente a outras, delimitar o sentido de uma coisa é, ainda que inconscientemente, delimitar o sentido de outra e assim por diante... Portanto, dizer uma palavra é inconscientemente dizer outras que abarcam e sustentam o sentido dela, dizer *Arroz* é, inconscientemente dizer *feijão, panela, fogão, fome, comida, cultura brasileira* etc., todas estas palavras se arrumariam no seguinte exemplo: *quero comer arroz*, ou, *hoje vou cozinhar arroz*. É pela diferença que se apreende a singularidade.)

Sendo assim, só é possível fazer arte, criação, poesia, por conta desta qualidade humana de poder contar histórias, e o contar histórias só se torna possível por conta desta qualidade humana de poder falar⁷², isto é, discernir. As histórias são dezenas, centenas de palavrinhas que dando as mãos se costuram até chegarem num tecido que podemos chamar de texto, conversa... Um homem é sua história, a humanidade é sua história e a história é língua e a língua: palavras. Sendo assim, o que é a palavra?

Se analisarmos a qualidade primordial em nosso mundo ocidental do *logos*, veremos que ele é caracterizado como princípio, pois *No princípio era o Verbo*. Muito se pode dizer a

⁷² Arte: ars: capacidade de fazer alguma coisa. Portanto, arte acontece a toda vez que alguém se entrega ao ofício de fazer algo, seu talento e capacidade para produzir algo específico. Sendo assim, o conceito de arte é muito mais amplo, porém aqui nos prenderemos à arte da poesia.

respeito deste *princípio* e deste *Verbo*, mas uma vez colocados que estão dentro de um contexto religioso-ocidental eles já se nos apresentam enquanto conceitos.

Por *princípio* podemos entender o início do mundo, tarefa que se apresenta demasiadamente distante de nosso tempo, o que nos jogaria em meio à compreensão de início temporal do mundo e necessário seria uma pesquisa arqueológica, o que não é nossa intenção, e só não é intenção por ser uma tarefa utópica crer que chegaremos ao começo de tudo. Mas podemos entender *princípio*, ou seja, aquilo que vem em primeiro lugar, antes, – da mesma palavra que gera príncipe, *primus* (primeiro) e *capere* (pegar, tomar), aquele que toma o primeiro lugar – não só como início temporal, como também sustentador, pois o que inicia algo é também sustentador deste algo⁷³. Sendo assim, o princípio é aquilo que constantemente se realiza, atualizando-se, portanto não é princípio temporal, ou seja, aquilo que acontece uma única vez e depois não mais, mas, o que se revela tão absurdo quanto, atemporal. Mostrando-nos assim que *princípio* não é uma questão cronológica – apesar de não desconsiderarmos esta possibilidade – é antes questão de base sustentadora do mundo, que não aconteceu uma única vez e depois não mais, mas acontece a todo o momento suportando e conservando mundo. Logo, se *no princípio era o Verbo*, podemos entender que o *princípio*, o início de cada coisa é o *logos*, ou seja, a palavra, não a palavra da língua falada e estruturada gramaticalmente, mas a palavra/lógos como aquilo que significa, dá sentido, ou simplesmente como aquilo que *deixa ver* o que é. A língua, portanto, é a articulação do pensamento que vê, ou seja, que compreende, apreende, organiza. Um texto será capital para esclarecer o que estamos a dizer:

Mesmo que o termo “fenomenologia”, como observa Heidegger, só apareça historicamente no século XVIII, com Lambert, ele é historialmente grego. *Phainomenon*, particípio médio de *phainô*, “o que se mostra, por si, a partir de si”, e *logos*, “dizer”, “palavra”. No § 7 de *Sein und Zeit*, Heidegger lembra que *phainô* vem de *phôs*, a luz. Mas, na verdade, já existe aí um nó etimológico ainda mais cerrado. Chantraine nota que *phainô* é formado sobre o radical sânscrito *bha*, dotado de “ambivalência semântica”, pois significa ao mesmo tempo “iluminar, brilhar” (*phainoi*...) e “explicar, falar” (*phêmi, fari* em latim)...

Enfim *phôs*, a mesma palavra que “luz”... designa também, e é o termo usual em Homero, o homem, o herói, o mortal. Sua etimologia é “obscura” para nós, diz Chantraine. Contudo... existe identidade formal entre o nominativo grego e o sânscrito *bhas*, luz, eclosão, majestade, “mas”, acrescenta, “do ponto de vista semântico, a comparação fracassa”. Fenomenologicamente é, ao contrário, demasiado bela para ser verdadeira: evidência da etimologia que conjuga na mesma eclosão o aparecer, o dizer e o homem. O homem grego, o homem

⁷³ “É curioso que se diga que Deus criou o mundo, e não: Deus está criando, continuamente, o mundo. pois porque deve ser um milagre maior o fato de o mundo ter começado a existir do que o fato de ele continuar existindo.” *Movimentos de pensamento: diários de 1930-1932/1936-1937* / Ludwig Wittgenstein; tradução Edgard da R. Marques; editado por Ilse Somavilla. – São Paulo: Martins Fontes, 2010.

portanto, é aquele que vê, enquanto mortal, a luz... o que aparece na luz, os fenômenos, e que os ilumina dizendo-os.⁷⁴

Portanto, dizer é ver e deixar ver, sendo o homem este canal por onde o sentido atravessa, ou melhor: este canal que vê e imputa sentido às coisas. Em si mesmas as coisas não fazem sentido desde que submetidas ao olhar humano. Desta forma o *Verbo* é o que significa o *princípio* e se este é princípio-sustentador, ou seja, o que acontece a cada momento, o sentido é aquilo que está sempre acontecendo, no instante-já, para que haja mundo; sendo assim ver mundo é ver sentido, o *princípio* é início de toda hora, toda hora é sempre o início do mundo significando, fazendo sentido. O que sustenta o *princípio* é o *Verbo*. Adélia Prado nos diz isso em entrevista:

...palavra é sentido. Por exemplo se eu falo ‘papel’, isto não significa nada... Agora, as palavras ‘papel’, ‘café’ ganham consistência quando estão poetizadas. No poema, elas ganham densidade, concretude, sentido. Então quando eu falo ‘a palavra’, eu estou dizendo o sentido. Eu entendi isto através de outra via. Quando você diz: o filho de deus é Verbo, Jesus Cristo é o Logos divino, palavra eterna... O que é isso? Para mim é sentido, o sentido, o sentido do ser, o sentido da existência (...) Palavra é quando você chega ao sentido, é quando você entende.⁷⁵

Portanto, se mundo deixasse, por qualquer razão que fosse, de fazer sentido ele conseqüentemente já não mais existiria, se apresentaria como caos nebuloso, desordem; sendo assim, a palavra é o que organiza os sentidos imputando sentido ao mundo. E até mesmo a capacidade de categorizar, identificar *caos* só é possível pela palavra que organiza e mostra uma tal coisa como caótica ou não. A palavra, portanto, ilumina mundo, deixa ver mundo, compõe mundo, dá sentido.

Dito isto, que a palavra é descerradora de mundo, ainda não chegamos a responder nossa primeira questão *que quer dizer a linguagem?*, talvez precisemos descer ainda um pouco mais de modo a dissecar nossa pergunta: *que querem dizer as línguas?*, ou *quem funda a língua?* Ou seja, *quem faz este movimento incessante de descerrar o mundo por meio da palavra, impondo novos sentidos, criando, recriando, re-significando a palavra e desta forma sustendo-a, pois as subsistências dependem do nascimento e morte?* É claro que todo homem está sempre abrindo o mundo para si mesmo a cada vez que fala, mas será todo homem o fundador da palavra? Vejamos.

O Poeta

Há um poema de Adélia Prado que nos esclarece muito a questão acerca da palavra:

⁷⁴ *Aristóteles e o logos*, Barbara Cassin, pp. 133 e 134

⁷⁵ *Cadernos de literatura brasileira*, Adélia Prado, p. 90

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
 Quero é o esplendido caos de onde emerge a sintaxe,
 os sítios escuros onde nasce o ‘de’, o ‘aliás’,
 o ‘o’, o ‘porém’ e o ‘que’, esta incompreensível
 muleta que me apóia.
 Quem entender a linguagem entende Deus
 cujo filho é Verbo. Morre quem entender.
 A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
 foi inventada para ser calada.
 Em momentos de graça, infrequentíssimos,
 se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
 Puro susto e terror.⁷⁶

Adélia está a nos avisar que a palavra “é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda”, a palavra é uma máscara do que não pode ser dito, e só não pode por conta de sua condição de indizível. A própria imagem que nos é dada no poema nos esclarece melhor o que se quer dizer: *um peixe vivo!*

A palavra é a tentativa humana de captar, de pegar, de tomar a coisa, de, por assim dizer, fisgá-la com seu anzol, pois a palavra é a vara de pescar do mundo, é o que abre o mundo, é o que doa, e tal como os peixes, as coisas pesam mais do que podem suportar nossos anzóis; o desejo de fisgar a coisa é o exercício mais próprio à palavra, a tentativa de enredá-la no dizer; é impressionante como os dicionários sempre nos oferecerem muitas palavras para traduzirem uma outra, isso só nos revela o caráter de receptáculo dela – quantas palavras cabem dentro de uma única? – o anzol espera pelo peixe que não vê dentro d’água, mas sabe que ali está e só depois de muita paciência e fé o peixe morde a isca e pode então aparecer na superfície. E o que faz o peixe morder a isca no anzol da compreensão? É preciso força o suficiente para puxar o escamoso para fora, ele pode se perder do que mordeu e o pescador nunca mais alcançá-lo, porém o peso deixa saber que ele captou algo, a isca pode errar ou acertar... A isca é a ponta da compreensão, o início, o primaz, a raiz; mas quem poderá segurar o escamoso sem se cortar? “A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, foi inventada para ser calada. Em momentos de graça, infrequentíssimos, se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. Puro susto e terror.”⁷⁷ Quem poderá dizer uma palavra sem deixar de dar conta que fala muito mais que apenas uma, e que nem esta única era o peixe ideal?, as escamas do dizer escorregam demasiado fácil e sem a maneira certa corremos o risco de nos cortarmos por usarmos indevidamente a palavra. Debaixo d’água se escondem os segredos. A palavra quer organizar mundo por meio deste exercício de *pesca*, tentando captar o sentido para o que vê, haja vista que o

⁷⁶ Adélia Prado, *Bagagem*, p.20

⁷⁷ Prado, Adélia. *Bagagem*, p.20

sentido não se apresenta, antes o que se apresenta é a coisa mesma, e como só é possível ver a coisa enquanto fenômeno, ou seja, da forma como a coisa se apresenta para mim, têm-se aí a multiplicidade de palavras tentando rasgar o véu que esconde a coisa.

Mas Adélia conclui: *Em momentos de graça, infrequentíssimos, se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. Puro susto e terror.*” Apanhar o peixe é o susto daquele que o apanha; é, afinal de contas, como se começa a fazer filosofia e poesia, por meio do espanto. Seria, então, o espanto o peixe na mão quando se consegue captar a palavra, mais que isso: o sentido, que por sua vez pode ser expresso por meio da palavra; sendo assim, o espanto apenas se realiza por inteiro somente quando é possível *verbalizá-lo*, ou seja, quando aquilo que não faz sentido, o indizível, o inaudito, começa a ser organizado, seja em pensamento seja em palavra, o nada aparece e quando se percebe que ele aparece, quando o nada começa a fazer sentido é que surge, destarte, o espantar-se. Entra em cena o paradoxo *sentido e não-sentido*, pois aquilo que é o fundo de todas as coisas, o nada, começa a aparecer, o nada enquanto possibilidade de ser e não como vazio; e é só a partir desta possibilidade que se começa a criar e nomear mundo. Portanto, mundo aparece quando faz-se sentido.

O ofício da palavra é desbravar a densa mata da incompreensão até trazê-la para a compreensão. O fundo do incompreensível não cansa de constantemente vir à tona por meio da *vara de pescar* até chegar à mão e poder ser utilizado como palavra que significa.

Antes de continuarmos precisamos abrir um parênteses para esclarecermos melhor o que é este processo de abrir da compreensão. Será todo e qualquer homem que realiza esta compreensão? Ou esta tarefa é dedicada ao poeta?, e por quê?

O pensador da língua (portuguesa, sobretudo) Vilém Flusser, expõe e expande em seu livro *Língua e Realidade* alguns conceitos que aqui nos serão caros, a saber: *conversa, conversação, poesia e salada de palavras, oração e balbuciar*. Vejamos brevemente:

Conversa:

O clima, dentro dessa camada, é o clima fechado da angustia. Os intelectos (se é que podem ser assim chamados) não absorvem as informações que sobre eles se precipitam, nada apreendendo e compreendendo. Simplesmente refletem essas informações mecanicamente, como se fossem bolas de bilhar e assim surge a conversa.(...) são estes intelectos angustiados completamente determinados *pelas coisas*: não têm liberdade.⁷⁸

Conversação:

⁷⁸ Vilém Flusser, *Língua e Realidade*, p. 141

O clima... da conversação é de intelectos realizados pelo contato com os outros. (...) Os intelectos absorvem informações emitidas por outros, isto é, apreendem e compreendem, e emitem informações novas, isto é, articulam. (...) os intelectos transformam as informações que lhe são coisas em informações que lhe serão instrumentos; neste trabalho produtivo deixam de ser determinados... para tornarem-se livres... A liberdade do intelecto... reside em sua transformação de frases em novas informações a serem transmitidas.⁷⁹

Poesia: (para definir este conceito Flusser recorre à Platão quando este diz que o pensamento é uma conversação do intelecto consigo mesmo e à tradução alemã para a palavra grega *poesia: Dichtung*)

A palavra alemã *Dichtung* sugere... um recolher, um encolher, *alar* da rede para dentro do intelecto. A rede da conversação está sendo recolhida, encolhida... Ela encolhe, torna-se densa... As malhas da rede se fecham, ela torna-se impermeável... A rede mudou, tornou-se poesia (*Dictung*). O pescador, o intelecto, pode agora reparar a conversação, pode ultrapassá-la.⁸⁰

Salada de palavras:

Aparentemente, há nela completa liberdade. As palavras juntam-se sem nenhuma regra aparente. Mas esta liberdade caótica é justamente sinal da completa impossibilidade de escolha. À medida que desaparecem as regras, desaparecem também os elementos da língua. A língua torna-se mais pobre, na medida que se torna desorganizada.⁸¹

Flusser aproxima duas camadas superiores da língua, as quais ele denomina *oração* e *balbuciar*, apesar de não fazer uma distinção exatamente nítida entre as duas, explica que a oração tem dois aspectos: a peroração e a adoração – sendo esta *todas aquelas atividades pelas quais o intelecto aborda o indizível*⁸² –, sendo este segundo que nos interessará, a qual apresentará em si um desprezo pelo aspecto lógico-matemático, ou seja, gramatical da língua, como ainda há na poesia. Flusser explica ainda que o princípio da oração é o balbuciar, sendo assim a oração já seria uma elaboração, não muito elaborada, do balbucio. Vejamos:

A arte de orar... parte da situação poética, mas, ao invés de descer dela para a planície da conversação, pretende continuar a subida até os picos da oração... A cerração da poesia é, deste ponto de vista, um estágio intermediário de nebulosidade entre a clareza inferior da conversação e a clareza superior da oração.

⁷⁹ Idem, p. 139

⁸⁰ Idem, p.144

⁸¹ Idem, pp. 150 e 151

⁸² Idem, p. 152

A clareza inferior é possível porque a planície da conversação é protegida contra o indizível pela capa protetora das nuvens poéticas, que a fecundam com suas chuvas produtoras. A clareza superior é alcançada quando o intelecto penetra por essa capa protetora e galga os picos da oração, exposto às radiações imediatas da não-língua, do silêncio iluminado e resplandecente.⁸³

E, finalmente, o balbuciar:

...uma zona da língua na qual reina o inarticulado e o impensado em forma de língua *in statu nascendi*... O símbolo balbuciado não é real, é um pseudo símbolo, não é ainda, ou já não é mais, realidade. Não há intelecto nem frases (pensamentos) nesta região, há um amorfo vir-a-ser... Estamos no território dos *fonemas*, das *raízes de palavras*, das *origens da gramática*, enfim, estamos nos aproximando da *língua original*, isto é, idiotice do nada.⁸⁴

Tendo esclarecido estes conceitos, que serão elementares para o que se pretenderá daqui por diante em nosso texto, não abordaremos cada um dos referidos conceitos no sentido de esclarecê-los ainda mais, mas os utilizaremos quando necessário e isto será esclarecedor. O que pretendemos é iluminar as questões antes postas e que assim se resumem: *quem faz este movimento incessante de descerrar o mundo por meio da palavra?* Uma questão filosófica sem dúvida. Mas é necessário distinguir qual o trabalho, o ofício do poeta e do homem comum, e por isso recorreremos ao texto de Flusser, haja vista que os dois falam e descobrem mundo por meio da palavra. Portanto concluímos que o homem comum está na camada da conversa, a pura reprodução das informações sem compreensão; na conversação há compreensão do que se diz; na poesia há a fundação de novas palavras e nova gramática⁸⁵, o que a diferencia da salada de palavras, onde há uma aparente liberdade escondida por uma confusa incapacidade de escolha, desta forma a poesia ainda está dentro da gramática, mesmo que a funde, e a cada vez que se faz isso é que se pode chamar estritamente de poesia. E o balbuciar e a oração são a origem da língua, sem qualquer espécie de gramática, de organização, de ordem.

Percebemos desta forma que o nascedouro da língua não está na *conversa fiada*, corriqueira, habitual, mas este nascimento faz parte de um esforço do intelecto para produzir língua e, conseqüentemente, para ultrapassá-la. Portanto a cada vez que se faz isso está se realizando o exercício poético, qualquer homem está dentro desta capacidade, mas vemos o poeta como sendo o que toma este ofício junto da palavra. Só a partir de então poderemos falar satisfatoriamente do poeta.

⁸³ Idem, p. 159

⁸⁴ Idem, pp.163 e 164

⁸⁵ Idem, p. 148

Fechamos aqui nosso parênteses.

Vemos o poeta como aquele que está junto da palavra, quer dizer, como aquele que a acompanha, que a dá acolhimento, que faz seu nascimento, que permite seu irrompimento, que a entrega chão para pisar e que, no entanto, não é seu dono, não a detém nem a acua, antes é um doador da palavra, do *logos* e, como vimos, do sentido. É um sentinela da palavra, que sempre nos entrega o sentido por meio dos símbolos, signos (o sentido possível para ele); portanto, poeta é o canal, meio por onde atravessa sentido, faz-se sentido enquanto atravessa e poreja em forma de criação, obra – e apesar de em nosso caso estarmos a tratar especificamente da palavra escrita ou falada, é preciso considerar como poesia todo ato de criar, todo gerar, *poietés*: aquele que produz algo.

Para considerarmos o poeta como sendo aquele por meio de quem a palavra opera, nos valeremos mais uma vez do pensamento poético de Adélia. Para tanto observaremos um aspecto do poema já antes referenciado, mas desta vez colocaremos sobre ele novo viés. Em *Antes do nome* a poetisa abre um questionamento sobre a sintaxe de nossas frases, (ou seja, qual a lógica que mantém nossas palavras presas, conectadas umas às outras; sabemos que esta lógica é a gramática, mas nos são absolutamente desconhecidos os princípios das diversas lógicas e gramáticas, já que as línguas sempre apresentam diversas origens e além do quê a gramática é uma invenção própria do mundo ocidental não cabendo, por exemplo, uma avaliação do hebraico ou do chinês de acordo com as regras das línguas ocidentais, línguas essas que Flusser virá a chamar de Flexionais,⁸⁶ pois mesmo que apresentem semelhanças, do mesmo modo apresentam divergências quase irreconciliáveis e intraduzíveis de uma para a outra, justamente porque a lógica do pensamento é outra), mas o fato é que não é a sintaxe que causa admiração em Adélia, já que não se trata de filologia, mas de algo anterior a esta, o que causa admiração é o fato de *haver* sintaxe, ou seja, o fato de que o que falamos faz sentido, “pois sofrer não é língua nenhuma”⁸⁷, é deste sofrimento do *fazer nascer o que se está sempre por dizer* que o poeta sofre. A questão aqui abordada é metafísica, e só o é porque está apoiada nas bases do espanto, aquele dispositivo que acompanha a história da filosofia e da poesia; não é questão biológica nem histórica, pois

⁸⁶ Vilém Flusser faz uma diferenciação em seu livro *Língua e Realidade*, uma distinção entre três tipos de língua: Flexionais, Aglutinantes e Isolantes, p. 221

⁸⁷ Adélia Prado, *O coração disparado*, p. 77

não se preocupa em saber quem foi o primeiro homem a falar; nem filológica, por não pretender analisar as diferentes sintaxes de língua para língua. É, em verdade, filosófico-poética, pois ultrapassa os conceitualismos da ciência, transcendendo-os até chegar ao *nada* que cerca e envolve o dizer.

Flusser diz que:

A grande conversação da qual participamos e que é toda a realidade vem do nada e trata do nada... O nada, longe de ser um conceito vazio e negativo, torna-se um superconceito sinônimo do indizível. (...) Esse nada, esse indizível, que é, portanto, o Alfa e Ômega da conversação tenta, no curso da conversação, infiltrar-se, articular-se, tarefa *ex defitione* impossível.⁸⁸

Sendo assim, o olhar poético é sempre em direção a este *há!* Há isto! Por isso o poeta se encontra em um tal estado que poderemos chamar de *isolamento*.

Flusser explica:

O isolamento no qual o poeta se encontra é aparentemente tão ilusório quanto sua perda de liberdade. Ele é tão isolado quanto o são os vanguardas dos exércitos em avanço. O poeta representa a ponta da cunha que a conversação força para dentro do indizível. Os poetas são nossos bandeirantes, que se expõem, em nosso benefício tanto quanto no seu, ao perigo da aniquilação pelo indizível. Longe de estarem isolados, são, justamente por terem se recolhido, os condutores da conversação.⁸⁹

Não se trata aqui de um isolamento do tipo de um afastamento social, mas se trata da admiração que não é posta em questão na conversa, no senso comum, no dizer cotidiano, pois não é seu serviço nem ofício; mas para que a conversa cotidiana possa fazer sentido é preciso alguém que, indo em direção ao nada, colha dele a pedra em estado bruto, para lapidá-la até o ponto de fazer sentido.

Por isso foi dito antes: *Quem entender a linguagem entende Deus/ cujo filho é Verbo. Morre quem entender.* O poeta é aquele que se encontra à espreita do sentido, é sua compreensão um morrer, um despojar de si, uma resignação, uma entrega para ser capaz de trazer o sentido. Mas seu ofício é bem perigoso, pois *Entender é um rapto,/ é o mesmo que desentender*⁹⁰, por isso é preciso pastorear o sentido até que ele se encarne.

Sendo assim o poeta, aquele criador da palavra, pisa em terreno arenoso, demasiadamente perigoso, já que ele se encontra em contato direto com o nada; realizando assim o advento próprio do balbucio, da sibilação, aquele da oração que é reza, e só o é por

⁸⁸ Idem, pp. 132 e 133

⁸⁹ Idem, p.149

⁹⁰ Adélia Prado, O pelicano, p.41

sua extrema aproximação do nada, do indizível. A partir disto transforma seu balbuciar em palavra, em estado de *poesia*, de onde nascerá a língua, e esta poesia só poderá ser digerida, compreendida quando caída em conversação. Têm-se aqui aquele caráter místico, secreto, íntimo, religioso, divino. O surgir da palavra faz parte do mistério, é um deus nascendo por meio do homem, do poeta – não à toa compara-se a figura de Cristo com o Verbo, o sentido – o nascimento da palavra é tão surreal quanto um deus, um invisível, um indizível, um espanto, assombro. É Moises no alto da montanha vendo as costas de um deus, é São Paulo arrebatado aos céus e quando volta nada consegue dizer, é o retorno para dentro da caverna após vista a luz do sol. É a ausência da palavra e a tentativa de fazer com que ela nasça. É comum no mundo religioso o ápice dos encontros com a divindade serem marcados pela atmosfera do silêncio, não só para se chegar a deus, mas em lá chegando, nada conseguir exprimir. É nesta constante atmosfera de querer exprimir o inexprimível que o poeta se encontra, e pela qual ele se encanta. Ele está à porta da audição, ouvir é sua tarefa.

Adélia sabe bem deste caráter inexprimível do dizer, deste nascimento da palavra: *Recuso-me a acreditar que homens inventam línguas,/ é o Espírito quem me impele,/ quer ser adorado/ e sopra no meu ouvido este hino litúrgico:/ baldes, vassouras, dívidas e medo...*⁹¹ O Espírito fala justamente deste caráter mais íntimo daquilo que necessita ser expresso, Espírito certamente não tem a ver com a superficialidade do dizer; é este Espírito já ele mesmo o indefinido; esta adoração da qual nos conta a poeta é a mesma quando Flusser nos diz que a adoração é um aspecto da oração, ou seja, aquele profundo anseio de arrancar do indizível para transformar em palavras tudo que é ainda obscuro.

Em outro lugar Adélia expressa o mesmo sentimento com maior nitidez:

Mais é de noite, quando a alma vigia,
e um olho, que não o do corpo,
espia.
Deus! Clamo no escuro,
ó Deus, Deus!
Mas não sou eu quem chama,
é ele próprio quem se chama
com minha boca de medo.
A boca está seca, é sede.
Ele quer água, eu bebo,
quer urinar, levanto-me,
[...]
a cova, a mãe, o grande escuro é Deus
e forceja por nascer da minha carne.⁹²

⁹¹ Idem, ibidem.

⁹² Idem, p. 51

O poeta está mesmo sempre prestes a parir um deus? É Ele *o grande escuro*, o inominável. É aqui onde Deus, ser e nada se encontram, todos fazem parte da esfera do indizível.

O poeta é o paridor da palavra, e já que a origem da palavra é sempre da ordem do desconhecido, do obscuro – não a origem daquela ou desta outra palavra em separado, mas a própria capacidade humana de nomear, de ver e conhecer mundo por meio daquilo que é capaz de organizar em pensamentos, palavras, frases, sintaxe – o poeta é o lugar por onde nasce o obscuro. O obscuro, o mistério, o nada é a mãe da palavra, ela está cercada de nada, de possibilidades, de fissuras, rasgos, logo, de impossibilidades para ser completa. Por isso nossa poetisa em oração diz: *Meu Deus,/ me dá cinco anos... me cura de ser grande...*⁹³, como uma tentativa de alcançar a língua em seu estado mais pueril, naquele em que o sentido se encontra em estado de nascença, onde o balbuciar é ainda terreno da língua. “*Quando o espírito vem/ é no corpo/ que sua língua de fogo quer repouso*”⁹⁴, o descanso do indizível é encontro com corpo, melhor, é sentido tomando corpo.

A proposta aqui apresentada é examinar, em primeiro lugar, quem é o poeta. Mas para conseguirmos alcançá-lo é necessário saber qual seu ofício e, como já vimos, é o da palavra, é o de estar junto à palavra, pastoreando o sentido, encontrando o sentido e se postando a serviço dele.

A cada vez que se vê sentido é poesia que está nascendo, por isso a conversa cotidiana sem a compreensão e apreensão do que se está dizendo não pode ser dita poética, pois é reprodutora, informativa, comunicadora somente; a poesia não está preocupada em comunicar nem transmitir mensagem alguma, ainda que o faça, a poesia nasce quando o sentido se apresenta e o sentido é inteiro em si, ou seja, é quando a coisa se apresenta por ela mesma sem precisar de outras para complementá-la, mas como vimos antes, a singularidade só se apresenta por meio da diferença, logo ver uma coisa é ver todas as outras, e todo homem está sempre realizando esta diferenciação sem o saber e o poeta é justamente aquele que o sabe. Mas se fazer poesia é ver o sentido e se o sentido se apresenta inteiro em si, como pudemos afirmar que é necessária a diferença? Entra em cena o paradoxo *uno-múltiplo* da filosofia: já que ver uma coisa é ver todas, é sábio dizer que todas as coisas são um.⁹⁵ E ainda, quando dizemos Coisa não estamos a falar desta ou daquela coisa, uma

⁹³ Adélia Prado, *Bagagem*, p. 12

⁹⁴ Adélia Prado, *Miserere*, p. 79

⁹⁵ Os filósofos pré-socráticos, Gerd Bornheim, p.39

árvore, uma pedra, um pássaro etc..., falamos de Coisa enquanto aquilo que é essencial, quer dizer, aquilo que é inapreensível, incompreensível, em suma, nada. Esta essência se apresenta por meio dos objetos (árvores, pedras, pássaros etc), que por sua vez apresentam sua relação uno-múltiplo. Mais uma vez esclarecemos, não estamos falando dos objetos, mas do *nada* que pode se revelar por meio deles.

Poesia é sentido. Poeta é quem sabe do sentido. É esta sua única e tênue diferença para o homem comum, em vendo a diferença vê que todas as coisas são Um: o *Verbo*.

3 EXPERIÊNCIA DE SINGULARIZAÇÃO

3.1 A existência como escolha

O indivíduo, ao optar pela terceira margem, como vimos antes ao tratar do conto de Guimarães Rosa, está optando exatamente pelo quê? Que espécie de escolha está fazendo? E, antes, quais as razões que levaram aquele pai de família a abandonar o conforto de sua casa e dos seus para entregar-se à voracidade do desconhecido, às intermitências da vida fora da proteção? Qual é a natureza dessa escolha? Certamente estamos falando de uma escolha profundamente importante na vida de um pai de família, que em perfeita consciência, imaginamos, jamais teria feito o que fez; mas é de total relevância pensar ainda na necessidade de se escolher a canoa e na possibilidade de não se poder optar senão por ela, então esta escolha seria, portanto, inevitável. O que havia naquela canoa que a casa, família e proteção não podiam oferecer, e o barquinho com toda a sua aparente fragilidade podia? É necessário que deixemos um pouco a inocência de lado e que atentemos para a realidade: dentro ou fora da canoa não havia a garantia de segurança eterna, correm-se riscos de qualquer lado, tudo é intermitente. No entanto, há um risco ainda não mencionado, é o de perder a si mesmo:

O eu não é destas coisas a que o mundo dê muita importância, é com efeito aquela que menos curiosidade desperta e que é mais arriscado mostrar que se tem. O maior dos perigos, a perda desse eu, pode passar tão despercebido dos homens como se nada tivesse acontecido.⁹⁶

Este pai não estava atento aos riscos com bens, dinheiro, reputação, parentes e amigos; algo se torna claro para nós, seu maior bem era ele mesmo. Isto pode nos soar um tanto egoísta. Mas o pai era consciente de que havia uma construção em si mesmo que era necessário realizar e não havia tempo a perder, e as circunstâncias e pessoas a seu redor não poderiam, não eram capazes de responder às suas necessidades; portanto foi-lhe necessário um alijamento das opiniões e do domínio alheio, não para que se afirmasse como aquele que é melhor e pode todas as coisas sobre os outros, mas para que pura e simplesmente pudesse construir em si mesmo um homem *singular*, ainda que para tal construção urgisse a necessidade de isolamento. Mas qual foi o caminho que o levou a suspeitar que esta construção em si mesmo era necessária? O caminho percorrido pelo pai, da casa até a canoa,

⁹⁶ KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores) p.210

foi para ele um caminho sem volta, a decisão por sua vida não foi, ao contrário do que se espera, aventureira, no sentido de explorar o mundo com viagens intermináveis e sem data de retorno; mas sua aventura foi realizada de um modo a que nem todos considerariam aventureiro, dentro de uma canoa à espera de sabe-se lá o quê. Por que esta escolha pela solidão quando o que se mais quer é viver em meio a outros indivíduos e isto pela pura necessidade de estar com o outro? Em busca de que essência andava este homem?

A questão central aqui tratada por Guimarães Rosa é a da escolha, um homem que decide por algo que a maioria das pessoas jamais decidiria; certamente que não estava optando por uma vida melhor, no sentido de bens e riquezas, não era opção pelo poder, não era aventura dissoluta pelo mundo... Aquele homem decidia por ele mesmo, escolhia a si mesmo. Não havia na canoa qualquer espécie de benefício, de vida vantajosa em relação a que ele já vivia, não havia qualquer espécie de lucro, era só perda e loucura. Um homem que se resignava às puras intermitências do existir, não havia qualquer domínio sobre o ambiente, qualquer espécie de transformação sobre as coisas ao seu redor; o mundo estava-lhe entregue exatamente da forma como é, e o pai entregue a este sem pretensões de mudá-lo ou mudar a si mesmo. A mais perene entrega. A mais pura aceitação. Só havia uma condição: viver. Esta entrega nada desejava transformar no mundo, apenas o aceitava tal como é e aceitava a si mesmo tal como é. Neste sentido aquela canoa tem seu aspecto trágico, e o pai é este personagem que vai ao encontro de si mesmo, não foge do que lhe é próprio: o eu. Podemos observar um aspecto da filosofia de Nietzsche neste ponto,

...o amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!⁹⁷

O pai é aquele que ama o destino e diz sim a ele, escolhe a si. A canoa fala desta vida que é a mais própria de cada indivíduo na busca por sua essência, é o abandono de todas as determinações do mundo para que o eu possa se encontrar.⁹⁸ O que muitos

⁹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Trad.: Paulo Cesar de Souza. Companhia das letras, 2001, p. 276

⁹⁸ Não se trata aqui de um solipsismo, mas de um afastamento de determinações que encerram o indivíduo dentro de uma compreensão sobre ele que não foi o próprio quem alcançou. Este afastamento não é necessariamente social, pois é a partir do mundo que compreendemos o que somos, antes, se trata do afastamento da multidão, onde o indivíduo “amalgama-se”, perde-se. Este afastar-se é quando o sujeito decide pensar e escolher a vida por si mesmo, ainda que em meio à multidão; não falamos necessariamente do afastamento físico – ainda que este possa também se fazer necessário – mas do alijamento do domínio do outro sobre mim mesmo, a questão principal que queremos ressaltar está sobre quem escolhe o sentido para a vida, o indivíduo para ele mesmo ou o mundo para a multidão, e o indivíduo dentro da multidão passa a ser massa. “*E começo a distanciar-me deste mundo, que me é dado, quando ele, de algum modo, começa a ficar sob suspeita*”

poderiam ver como ódio à vida, o fato de se afastar dela, podemos analisar por outro ângulo, o seu amor à vida era tamanho que ele não desejava violentá-la, havia uma total resignação, um ato de entrega, um despojamento do ter para então ser. Ou talvez, do ter para o estar. O ser nos põe numa metafísica distante do mundo, o verbo estar nos põe na palma da mão do presente. O ser parece nos elevar acima do espaço-tempo. O estar nos coloca dentro, inteiros.

Tal como no mito de Sísifo, sua condenação foi sua salvação, o trabalho de rolar a pedra era a construção de si mesmo e como nos diz Camus é o nosso trabalho diário, às vezes feito na alegria outras na tristeza, no entanto dele não se tem como fugir. De si mesmo não há quem fuja. Como nos diz Kierkegaard: “Dantes teria dado alegremente tudo para se ver livre dele (de si mesmo), mas fizeram-no esperar, e agora é tarde demais, prefere arrebatá-lo contra tudo”⁹⁹; o cansaço de fugir de si mesmo chegou, e este indivíduo, depois de tanto esperar, prefere ser ele mesmo. A canoa o levava para mais perto de si, a escolha por viver nela era a própria escolha por sua singularidade, não havia mais o que se fazer naquele distante barquinho senão estar consigo mesmo e ser si mesmo, não havia a quem corresponder –responder junto a- , só o silêncio o acompanhava. Esta é em grande parte a dificuldade do homem, sobretudo o homem contemporâneo abarrotado de afazeres e distrações, que de repente “constata ou diz que tem trinta anos”¹⁰⁰, o homem em certo tempo pode constatar que não teve tempo para si, mas somente para coisas tão supérfluas, brincadeiras de existir que não lhe formaram caráter, ou melhor, formaram de maneira equivocada; “...em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: ‘amanhã’, ‘mais tarde’... Estas inconseqüências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer”¹⁰¹, a morte é nosso algoz mais premente, está em nosso encalço desde o instante em que nascemos e apesar de um dia

*para mim, isto é quando eu começo a duvidar dele... dá-se, faz-se um distanciamento do mundo ou das coisas que nos são dadas. Tal distanciamento começa a se fazer à medida que o dado, o feito e constituído, de algum modo, começa a revelar-se insosso, insípido, indiferente, apático. (...) Vai-se ficando sem mundo, sem realidade, sem onde fincar pé, ou seja, sem hábitos, sem usos, sem valores, sem crenças às quais ater-se. (...) Esta experiência de distanciamento das coisas e de retração das crenças, de modo que se fica sem onde se firmar pé e fincar unha, e que é o desabrochar do caminho do pensamento... Trata-se de, pelo menos uma vez na vida, desfazer-se de todas as opiniões recebidas. E, para tanto, é preciso fazer-se dúvida... Sim, pois numa dúvida, se ela é sincera ou autêntica, não se entra, mas nela subitamente se cai. Quando se vê, já se está dentro dela, no meio dela, tomado por ela.” ...”(FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? filosofia como exercício de finitude*. Aparecida: SP: Idéias e Letras, 2009, p. 16, 17 e 18).*

⁹⁹KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores) p. 235

¹⁰⁰ CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010, p.28

¹⁰¹ Idem, *ibidem*.

os batimentos cardíacos de uma vez por todas findarem, estamos a morrer a cada instante, estamos a envelhecer, a perder um pouco de vida.

A pergunta nos assalta: e o que faremos com esta vida que temos?

Sartre faz uma afirmação no fim de sua preleção *O existencialismo é um humanismo* (tal qual no conto de Guimarães Rosa a pergunta sobre o que é ser homem só aparece no fim), diz o filósofo francês: “é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuada de que nada pode salvá-lo de si mesmo...”¹⁰² Aonde quer que vá o homem há de se encontrar consigo, este é o aspecto trágico da vida humana, nada há que mude a direção do homem: ele está sempre caminhando para si mesmo.

Observamos o pai como aquele que percebeu o absurdo de existir e após isso fez uma escolha inevitável e necessária, mas é preciso também avaliar a posição deste filho; se no pai há percepção do absurdo, no filho não há outra percepção senão a do absurdo. O absurdo leva o homem direto ao abismo do suicídio e a única forma de escapar dele é pela via do sentido, da criação de si. É preciso olhar o homem sem qualquer lente de romantismo (para depois olhá-lo como o próprio romance), e encará-lo por inteiro, não há para onde fugir de si, ele está preso em si mesmo e, ainda que não queira, nada lhe serve de socorro contra si mesmo, não há pára-quadras para a altura que é ser homem, tampouco bóias para as suas profundezas. Se o homem é irresoluto contra si mesmo, a única opção possível é construir-se. A canoa é pura imagem do homem dentro de si, um não-fugitivo, estar dentro de si é estar dentro da canoa flutuando sobre uma terceira margem, a canoa é este eu do qual não se pode mais sair, por isso o pai “não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.”¹⁰³

Guimarães Rosa situa este homem num lugar, espaço, e isso gera uma outra temporalidade. A canoa trata do homem indivisível, daquele que de si já não sai; estar em si mesmo é já estar na terceira margem. Na verdade esta terceira margem é muito mais uma consciência, pois sair de si realmente o homem não pode, mas poucos têm consciência disso. De que sair de si propriamente estamos falando? Daquele desejo que o homem tem de ser outro, mas a partir do instante em que se compreende como existente e reconhecendo a

¹⁰² Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). p. 22

¹⁰³ ROSA, JOÃO GUIMARÃES. *Primeiras Estórias*. 1 ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005. p. 78.

impossibilidade de trocar de lugar com quem quer que seja já não deseja mais sair de si. Logo, esta consciência é a terceira margem.

Retomando o ponto de onde vínhamos na perspectiva de Sartre no trecho supracitado, por que é necessário encontrar a si próprio? É como se previamente o homem estivesse perdido de si, e a vida cotidiana, por conta das suas mil necessidades, o fizesse se perder ainda mais. Precisamos analisar a questão central de nosso texto, abordada no início do capítulo anterior, a pergunta que faz o filho a si mesmo no final do conto: “sou homem depois desse falimento?”. Que é ser homem? A que o filho se refere como falimento? O falimento talvez não nos seja assim tão difícil de supor, é a insuficiência de compreender o pai em toda a complexidade do que fez. No entanto, o filho não para por aí, pergunta a si mesmo se agora, já depois de velho e cabelos brancos, é um homem. O ponto crucial abordado por nós é o da decisão, ou seja, da responsabilidade que cada indivíduo assume ao escolher, e é preciso conscientizar-se que se escolhe o tempo todo, é como nos diz Sartre: “A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher. Posso sempre escolher, mas devo saber que, se eu não escolher, escolho ainda.”¹⁰⁴ Ser homem aqui nada tem a ver com masculinidade, tem a ver com a consciência; ser homem é saber que só se torna um, só se adquire a maturidade, a maioridade, não quando um código ou lei diz que agora somos maiores porque fizemos determinada idade, mas porque nós mesmos podemos escolher, e isto pode se dar tanto num adulto quanto numa criança, e o pior, pode também nunca se dar, pode-se viver uma vida inteira à espera do que o outro (o Estado p. ex.) pode ou não decidir por mim. Para Sartre o homem está condenado a ser livre: “Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”¹⁰⁵ A responsabilidade quanto aos atos, é isto que traz a consciência. O tal falimento era a falta de compreensão acerca do pai; esta pergunta é feita logo após a frustrada troca de lugar com o pai, o falimento de ter sido incapaz de habitar naquela canoa, lugar onde o pai estava há tantos anos. Existe uma impossibilidade de troca das responsabilidades humanas e era isso o que o filho ainda não tinha percebido, justamente por isso foi que tentou trocar de lugar, achando que fosse capaz de levar aquele peso para si mesmo, achando que fosse capaz de compreender o por quê daquele recolhimento; a princípio pensou que se trataria apenas de uma troca de lugar físico, mas havia um sentido

¹⁰⁴ Idem, p.17

¹⁰⁵ Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). p. 9

metafísico na atitude do pai que o mantinha preso àquele barquinho. Seja qual for este sentido, era o que o mantinha ali. O lugar físico fala do espaço, este que pai e filho habitavam: o rio. Mas a lida com o espaço é que fazia a diferença, e daí, e só por isso, podemos dizer metafísico. Porque o metafísico é um além que é agora, um lá que é aqui. É apenas o rio. Porém a subjetividade que lê o rio é outra para cada um, ou para cada *outro*. É singular.

Provavelmente este silêncio ensurdecedor do pai quanto ao motivo de estar ali, era pela incapacidade de alguém alcançar a compreensão e realmente crer que aquele motivo era mesmo um motivo. Talvez seus amigos sugerissem outro caminho que não o da canoa, mais uma prova de que estavam em outro tempo que não o do pai; talvez as morais e religiões lhes dessem respostas, mas: “Nenhuma moral geral pode indicar-vos o que há a fazer; não há sinais no mundo”¹⁰⁶. Abraão, comentado por Kierkegaard, recebe uma ordem para matar seu filho, o caminho até o alto da montanha foi feito sozinho com o filho, não houve pedidos de opiniões porque as respostas seriam óbvias: “é loucura!”. Mas o que faria Abraão com a responsabilidade que tinha sobre os ombros? Ele mesmo não poderia passar aquele fardo a ninguém. Pai e filho, por mais íntimos que fossem, não poderiam trocar seus papéis na vida: o do pai era a canoa, o do filho era vê-lo na canoa. O primeiro estava tomado pela certeza da decisão, o segundo estava tomado pela incerteza do que é viver. O filho faliu porque ali não havia mesmo qualquer possibilidade de ser bem sucedido, o seu ofício vital era andar à espreita da canoa. Depois deste dia pai e filho nunca mais se viram; mesmo depois de tantos e tantos anos o pai acreditou por um minuto que pudesse realmente trocar com o filho, mesmo depois de tanto tempo o ser humano ainda corre o risco de titubear acerca do seu ofício na existência e depois da frustração de ambos o pai some para sempre. Para onde? Qual segredo guardava o silêncio do pai?

Somos responsáveis. Responsáveis por aquilo que dizemos e por aquilo que não falamos. Em geral, calamos a respeito daquilo que, cremos, não seremos compreendidos. Mas, também em geral, ainda que calemos há a necessidade premente de falar. Falar, esta necessidade humana de simplesmente expor e expor a si mesmo. Este si-mesmo que precisa de um outro, de um semelhante. E como ser si-mesmo? Luta-se constantemente para não sermos outro diferente de nós mesmos, um si que seja mesmo, igual a mim. Em que momento nos sentimos altamente capazes de responder por nós mesmos? Somos responsáveis por aquilo que somos e pelo que não somos, por aquilo que não nos tornamos.

¹⁰⁶ Idem, p.11

O que não nos tornamos pode ser uma decepção para nós ou para outrem que espera, projeta em nós aquilo que não pudemos (e nunca poderemos) corresponder. E há alguém a corresponder? Se dissermos que sim, há. Mas se buscarmos corresponder a este outrem, ou a estes outrens, já não seremos responsáveis por aquilo que somos, simplesmente porque não fomos nós a escolher, mas escolhemos de acordo com aquilo e aquilo outro, com aquele e aquele outro.

Em algum momento percebo que o mundo me foi dado. E que só eu, apenas eu, posso viver a minha vida. O mundo está à minha frente, as escolhas pululam à minha frente, as decisões são, quase todas, de natureza premente e as experiências são, quase todas, da natureza do indizível. Mas em que momento da vida nos é dado a chance de escolher? A ida à terceira margem está a acontecer a todo o momento. O indivíduo que se compreende como existente é consciente de que é a cada instante que se faz escolhas extremas. A vida está toda ela no próximo segundo. A morte é urgente, bate à porta constantemente. Logo, a vida é urgente também. Já que não se conhece a hora da morte, então a hora da morte é a toda hora. O homem comum vive esperando uma tal situação que será de tal modo urgente que ele não poderá fazer outra coisa senão decidir. Por isso este homem comum adia todas as coisas, espera até o prazo máximo, “empurra com a barriga” tudo o que pode empurrar. Escolher talvez seja uma das últimas coisas que saiba fazer. Vive-se esperando uma situação extrema, urgente, porque sabemos que só assim tomaremos uma decisão de natureza radical, que talvez mudará o curso de nossas vidas; uma situação extrema que exigirá de nós a decisão que desejávamos tomar, porém recuávamos a cada passo. Vivemos esperando a circunstância que nos arrancará do nosso comodismo e então só vamos poder responder a nós mesmos: “fiz o que fiz porque não tive outra escolha”. No momento temos muitas outras coisas a escolher e por isso não saímos de sítios pantanosos, de areias movediças e a cada dia somos engolidos pelas decisões que não tomamos, pelas conversas tantas vezes ensaiadas que não falamos, pelas coisas que não admitimos — em primeiro lugar a nós mesmos —, pelas coisas que não amamos, antes repulsamos; pela pessoa que não amamos — e só somos incapazes de amar por completo àqueles porque nem ainda sabemos o que é amar a nós mesmos. Somos essa coisa indefinida, imprecisa, *geleienta*, perdida entre os ídolos que admiramos e os ídolos que detestamos (espelhos de nosso narcisismo) confusos entre o que almejamos ser e o que ter, entre a decepção do que já somos e do que não. Alguns recorrem aos descansos, às férias, às fugas do cotidiano; mas as férias só adiam a decisão que se sabe que vai tomar, mas não se toma porque ainda não é o prazo final e nos iludimos achando que pensar dentro de um espaço de tempo mudará, resolverá toda nossa

vida e talvez esse espaço de tempo nada resolva, apenas reafirme a decisão primeira, no caso, a de ir à canoa. Talvez a decisão de ir à canoa já estivesse no pai há tempos, mas há a antiga necessidade humana de “tempo para pensar” — e quem sabe tenha ele usufruído deste tempo, inutilmente, pois já sabia a decisão que afinal de contas tomaria. No entanto seu silêncio era a morte para seu filho. O não saber o que se passava naquele misterioso caminho, fez o menino passar uma vida inteira a tentar compreender, ainda que de longe, a mente e as razões do pai. E é provável que houvesse muito pouco de razão. O menino se tornou o grande inquiridor do pai, e inquiri-lo era tentar saber de quantos mistérios uma vida é capaz.

O silêncio do pai continha a angústia delineada por Sartre:

Tudo se passa como se, para todo homem, toda a humanidade tivesse os olhos postos no que ele faz e se regulasse pelo que ele faz. E cada homem deve dizer a si próprio: terei eu seguramente o direito de agir de tal modo que a humanidade se regule pelos meus atos? E se o homem não diz isso, é porque ele disfarça a sua angústia. Não se trata aqui duma angústia que levaria ao quietismo, à inação. Trata-se duma angústia simples, conhecida por todos os que têm tido responsabilidades.¹⁰⁷

A angústia definida por Sartre tem pouco a ver com a melancolia, tem muito mais a ver com a responsabilidade, com aquilo que é necessário fazer. Neste caso, a angústia só nasce a partir de algo que é necessário decidir. O homem é aquilo que projeta ser. Neste projeto existencial não existem essências prévias a determinar uma natureza humana, o homem será aquilo que tiver escolhido ser. Sartre refuta toda a história da filosofia, onde o homem era compreendido como que tendo uma essência anterior à existência, sendo assim, estava pré-determinado; a vida seria apenas uma correspondência à natureza humana, ou seja, viver para corresponder, tentar um modo de fazer da vida não um ato de criação, mas um ato de adequação, encaixamento. A proposta do nosso pensador existencialista surge a partir do questionamento: “quem define o que é a vida?”. Que é uma outra forma de questionar acerca do sentido da vida. Como todo pensador, Sartre está imerso em seu mundo e em seu tempo, e seu tempo era tempo de guerras e rumores de guerras, o mundo estava ávido por razões que justificassem tantas mortes ocorridas durante as guerras; o que, afinal, era capaz de dar sentido ao homem? A busca incessante por um deus que pudesse responder a tudo aquilo era urgente e geral. A filosofia, antes de tentar dar respostas, busca compreender a própria pergunta acerca do sentido da vida — talvez uma pergunta bem feita contenha nela mesma a resposta necessária. O mais importante não é a resposta (ao sentido

¹⁰⁷ Idem, p.8

da vida), mas, — cabe outra pergunta em cima desta — por que até hoje o homem não compreendeu este sentido? Porque até hoje esperou esta resposta de um ser transcendente, ou mesmo que imanente, esperou a solução de outrem que viria em sua direção para saciar-lhe a alma. A intenção filosófica desde Aristóteles é que o homem se baste a si mesmo¹⁰⁸ e não que viva como dependente. As explicações metafísicas que fundamentavam a existência não foram suficientes diante de um único acontecimento: a morte. A morte sempre perseguiu o ser humano e é na busca da sua compreensão que ele anda atrás dos sentidos para existir. O medo da morte, as indagações sobre o que seja isso o levam a querer compreender a vida, a escolher a vida, pois “o homem será antes de mais o que tiver projetado ser”.¹⁰⁹ O existencialismo sartriano pretende formar uma nova consciência no homem, a de que ele mesmo escolha sua essência, o querer tem soberania. Porém Sartre retifica,

Não o que ele quiser. Porque o que entendemos vulgarmente por querer é uma decisão consciente, e que, para a maior parte de nós, é posterior àquilo que ele próprio se fez. (...) Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é.¹¹⁰

O homem necessita de querer aquilo que ele já é. O pai necessitava querer aquilo que já era. Se pensarmos com Sartre, não havia um homem a criar nele mesmo, mas um homem a aceitar e se responsabilizar por aquilo que já era. Precisamos enxergar aquele homem não como um louco, mas como o portador de uma responsabilidade. Ir à canoa, então, não era mera escolha e simples querer, como entendemos vulgarmente o querer, mas era responsabilidade por aquilo que se é. Era cuidado consigo. A dúvida o tomou por inteiro, e o mundo já não fazia tanto sentido como antes. O fato é que ao escolher pela terceira margem, aquele pai estava dizendo ao mundo todo que aquela era a melhor decisão a ser tomada. Sartre nos diz que o homem ao escolher-se a si, escolhe também todos os homens: “não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.”¹¹¹ O pai estava dizendo ao mundo que aquele afastamento era uma decisão que todo e qualquer indivíduo poderia tomar. Nada havia de especial na canoa, aliás nada há de especial em parte alguma, a não ser

¹⁰⁸ ARISTÓTELES. *A política*. 2 ed. trad.: Nestor Silveira Chaves. Bauru, SP: Edipro, 2009, p. 19

¹⁰⁹ Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). p. 6

¹¹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹¹¹ Idem, p. 6 e 7

que o homem assim o decida; ele não estava propriamente decidindo-se por um barco, pois não há barco em parte alguma, não há pai ou filho ou família em parte alguma, há apenas indivíduos tendo que tomar decisões diariamente e decisões urgentes da ordem das coisas indizíveis. Esta canoa é o impronunciável, é a escolha na qual ninguém poderá nos ajudar, teremos que andar esta légua sozinhos. Não há canoas em nossa realidade, mas a cada silenciosa decisão é nela que entramos para nunca mais sairmos, uma decisão que, tomada, não deixa mais a chance de voltar atrás; não há possibilidade de troca e talvez nunca de compreensão também. “O homem não é mais que o que ele faz”¹¹², já não há determinações — de ordem metafísica ou não — que delimitem o homem, mas ele será apenas aquilo que decidir ser.

A escolha, como vimos, não trata de individualismo e/ou solipsismo, o homem precisa tornar-se consciente de que ao escolher por si, escolhe também por toda a humanidade, pois diz ao mundo o que cada um poderia ser ou fazer. Porém algo nos resta ainda a compreender, por que a necessidade do afastamento social no caso do conto?, o que propriamente quer dizer este afastamento? O pai é aquele que parte para uma solidão sem fim; que solidão é esta necessária a todo homem? Por que é necessário e vital escolher a solidão?

3.2 A existência como solidão

“É certo que, nos nossos dias, é um crime dedicar-se ao espírito, e nada tem de extraordinário, portanto, que os amantes da solidão sejam postos ao lado dos criminosos.”¹¹³

Aquele pai estava no seu mais completo estado de solidão. Ser só era sua garantia de sobrevivência. Ser um homem de silêncio e de solidão foi o que o manteve vivo. Mas o que é propriamente ser um homem de silêncio e solidão?

‘um homem de silêncio’- de silêncio e de solidão... tal tipo é aquele que tem, melhor, que é uma ocupação necessária e, porque absolutamente necessária, inútil, isto é, sem nenhum fim, meta, propósito ou sentido fora (além ou aquém) dela própria.¹¹⁴

¹¹² Idem, p. 6

¹¹³ KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores) p. 230

¹¹⁴ FOGEL, Gilvan. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.219

Habitar na *terceira margem* não queria propriamente dizer nada, não havia no pai necessariamente um objetivo a ser alcançado, uma meta, um algo pra mostrar ao mundo (apesar de, como dissemos anteriormente, que ao escolher a si mesmo o homem escolhe toda a humanidade, porque diz que seu ato pode ser repetido por qualquer indivíduo), havia sobretudo a necessidade de escolher a si mesmo através da solidão. Por isso o pai era visto como louco, logo inútil. Pois não havia um objetivo a alcançar, ou um sentido a revelar aos homens, não se tratava de um Noé, como sugere o próprio filho¹¹⁵, que desejava salvar a humanidade, ou uma parte dela ao menos, fazendo-lhes entrar na grande arca; aquele barco mal continha o homem, que dirá a humanidade... Porque cada canoa só cabe apenas uma pessoa: o homem de consciência. Para o homem-absurdo a vida “parece, pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente”¹¹⁶. Camus nos propõe uma plena aceitação do destino, sem escalas de valores, pois “Onde reina a lucidez, a escala de valores torna-se inútil.”¹¹⁷ Se antes havia uma busca incessante pelo sentido de existir, agora se sabe: este sentido não há, pois isto implicaria ter algum poder sobre vida e o destino e isto é tudo o que não se tem; o homem absurdo compreende-se preso ao presente, e a uma sucessão de presentes é pelo que anseia o homem absurdo.¹¹⁸ Não há amanhã, não há o depois, “um dia”, “semana que vem”, tudo está contido neste saber do instante, tudo é instante. Nada há para elaborar para depois, não há soluções, o absurdo é a única via possível, não há nem o suicídio:

À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte. (...) O contrário do suicida é, precisamente, o condenado à morte.¹¹⁹

Suicidar-se é ser vencido pela vida, e o homem absurdo precisa esgotar tudo e se esgotar¹²⁰. No entanto, esgotar tudo não insinua um amanhã: “O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã.”¹²¹ Estar preso ao absurdo é saber-se preso ao instante,

¹¹⁵ ROSA, JOÃO GUIMARÃES. *Primeiras Estórias*. 1 ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005. p. 81

¹¹⁶ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, 2010. p. 65

¹¹⁷ Idem, p.74

¹¹⁸ Idem, Ibidem.

¹¹⁹ Idem, p. 66

¹²⁰ Idem, p. 67

¹²¹ Idem, p. 70

justamente porque ele é a falta de esperança do homem. Por isso Camus usa a imagem de Sísifo, aquele homem condenado a rolar a pedra para cima, sem esperança de saída ou remissão, para sempre condenado, para sempre agarrado ao instante, pois: “Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem-absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla seu tormento.”¹²² Se tudo o que há é o tormento, é a ele então que se apegam o condenado. Se tudo o que há é absurdo, é a ele então que se apegam o homem. Não há idealizações neste “mundo de Sísifo”, ou um mundo perfeito; há, antes, revolta contra o ideal, há apenas aquilo “que um coração humano pode sentir e viver”¹²³, ou seja, apenas e somente o presente.

Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro ou a justificação (não importa em relação a que). Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou o trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. Na verdade, age como se fosse livre, por mais que todos os fatos se encarreguem de contradizer tal liberdade. Depois do absurdo tudo fica abalado... minha maneira de agir como se tudo tivesse um sentido (mesmo que, eventualmente, eu diga que nada tem), tudo isso acaba sendo desmentido de maneira vertiginosa pelo absurdo de uma morte possível.¹²⁴

Este homem-absurdo, ao contrário do suicida, é um condenado à morte, morte essa que acontece a cada instante, destarte não há planos a fazer, não por uma incapacidade de elaborar, mas por uma incapacidade de acreditar no amanhã. As escolhas a fazer, as decisões a serem tomadas são sempre agora e inadiavelmente para hoje, e isto se sabendo que este agora está constantemente fugindo, se tornando outro.

O silêncio e a solidão da qual tratamos aqui não fala de uma atitude ou de um calar-se apenas — ainda que por vezes possa se demonstrar desta forma — mas a solidão é antes um lugar no qual o indivíduo se encontra ou não. A canoa não é um lugar físico, como já afirmamos, não há canoa em parte alguma, no entanto, há canoas por todas as partes. Esta *terceira margem* da qual tanto falamos é o lugar da solidão do indivíduo. Não a solidão que necessariamente irá em busca de confinamento e afastamento social, não é um não precisar do outro, mas solidão como consciência de que se nasce só e se morre só, e apenas cada um de nós responde por si mesmo.

¹²² Idem, p. 140

¹²³ Idem, p. 71

¹²⁴ Idem, pp. 68 e 69

Silêncio e solidão — são palavras que, quando ouvidas desde intimismo e introspecção, costumam soar carregadas e sobrecarregadas com uma aura de dramatismo, de patetismo, quer dizer, esvaziadas de todo autêntico drama e de todo autêntico “páthos”. (...) Tal clima sentimentalista e intimista, tal solipsismo mórbido, assim como também o não menos solipsista heroísmo romântico, gera desprezo e repúdio em qualquer homem de tarefa necessária, quer dizer, em todo e qualquer homem genuinamente de silêncio e de solidão, que é o homem de escuta e de obediência à voz impositiva de transcendência. O homem, o tipo criador, de criação.¹²⁵

Não era a si mesmo que este homem correspondia, e sim à “voz da transcendência”, ou seja, aquilo que transcendia sua própria lógica de homem. Esta canoa fala do ofício mais próprio de cada ser humano; do homem de criação. Esta canoa é a decisão tomada a cada instante por cada homem, e a cada instante ele habita mais nisto que se chama *terceira margem*; mas não se trata apenas desta ou daquela decisão em particular, mas em primeiro lugar e antes de tudo se trata da decisão do homem por si mesmo, pois se assim não fora jamais estaria apto a fazer escolhas autênticas a cada instante. A multidão, ou o homem-multidão, não escolhe nem pensa por si nem a partir de si, ele pensa a partir do coletivo; nesta outra margem, neste além de tudo o que é tão comum e natural, ele necessita então, ao contrário da multidão, de pensar a partir de si mesmo, necessita que seu saber e conhecer se dê a partir de uma experiência pessoal, de uma experiência singular com o mundo.¹²⁶ Um homem desses já está tomado pela dúvida, e em que medida ele já não é um filósofo?, se ser filósofo consiste nisto: em ser tomado por um tal questionamento que a partir do qual o mundo nunca mais será óbvio, antes, será posto em questão constantemente:

Trata-se de, pelo menos uma vez na vida, desfazer-se de todas as opiniões recebidas. E, para tanto, é preciso fazer-se dúvida... Sim, pois numa dúvida, se ela é sincera ou autêntica, não se entra, mas nela subitamente se cai. Quando se vê, já se está dentro dela, no meio dela, tomado por ela. (...) Duvidar é cair na fenda, na fissura, digamos, nos abismo que se cava entre dois sentidos...¹²⁷

Esta fenda era justamente o lugar onde o barco se encontrava, a distância, o abismo que se cavou entre sua consciência e o mundo. E tamanha era a dúvida na qual este pai estava que foi ela quem o impulsionou a pensar o mundo a partir de si mesmo. Esta *terceira margem* tem sua conotação de dor e solidão; é o lugar metafísico do homem e, sobretudo, não é o lugar de decisão do homem, pois entrar nele independe da vontade: “Mas *se deus*

¹²⁵ Idem, p.220

¹²⁶ “...é preciso que este saber se faça autenticamente, genuinamente desde si mesmo” (FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? filosofia como exercício de finitude*. Aparecida: SP: Idéias e Letras, 2009, p. 19)

¹²⁷ FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? filosofia como exercício de finitude*. Aparecida: SP: Idéias e Letras, 2009, p. 18

que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa”¹²⁸ [grifo meu] este “se deu” não implica em demora, em longo tempo para pensar, trata-se de um instante, um súbito acontecimento, um esquivo da realidade, um descuido talvez, no entanto não implica raciocínio, uma decisão do indivíduo, é muito mais ser tomado pela dúvida do que exercer algum domínio sobre ela; a canoa o tomou antes mesmo que ele entrasse nela, tal como o mundo nos toma antes que possamos sequer refletir se o queremos ou não. A decisão não é entrar ou não, mas uma vez lá dentro: permanecer ou não (e não se sabe como se entra, quando se verifica já se está). Ele poderia nunca ter entrado naquela canoa. Nossas correntes são soltas não se sabe por quem nem se sabe como, mas somos levados ao sol por um caminho íngreme. Este afastamento, esta solidão, este *solus*, este *ser só* diferencia-se do *estar só*, era um homem longe do filho, da família e dos amigos, trata-se de condição interior, no entanto aquele mesmo homem estava perto, só que inacessível, pois as condições interiores eram diferentes, quem sabe opostas.

Esta figura do pai, um homem distante, nos faz lembrar Mersault, aquele estrangeiro de Camus, ao dizer: “Eu parecia ter mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo... certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, só tinha isto. Mas ao menos agarrava esta verdade tanto quanto esta verdade se agarrava a mim.”¹²⁹ Para o homem-absurdo não há outra verdade a se agarrar senão esta, ele é um condenado à morte. Não há esperança do porvir, não há planos nem metas; o homem-absurdo sabe-se preso ao instante e é a ele que escolhe a cada novo instante. Sua decisão é sempre decidir pelo aqui e agora, pois a morte é urgente. Seja Sísifo na montanha, Mersault na prisão, o Pai na canoa, o homem em qualquer época ou lugar está condenado à morte e poucos o sabem, mas a partir do momento que sua consciência o avisar disto, então este homem habitará inevitavelmente sua *terceira margem*.

¹²⁸ ROSA, JOÃO GUIMARÃES. *Primeiras Estórias*. 1 ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005. p. 77

¹²⁹ CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. trad.: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2010. 31 ed.

CONCLUSÃO

A margem inefável

Quando se torna uma existência inefável? Há o estágio em que se chega que sobre ela não se pode muito mais falar, verbalizar. É esta a experiência absurda a que se refere Albert Camus. É o homem absurdo a que se refere Guimarães Rosa. E o que se expressa então por meio de Janine, e não apenas nela, é a paixão indizível. As esferas alcançadas pelas personagens nas imagens que utilizamos durante o texto procuram mostrar o quanto de suas próprias experiências chega ao estágio do silêncio.

Primeiramente o absurdo é uma incapacidade de explicação. Ele é antes uma surpresa e um espanto com a realidade que cerca um indivíduo, quando todos os sentidos que o mundo dava ao homem são suspensos, num processo que Heidegger e outros existencialistas chamaram de angústia. A angústia também suprime a palavra e antes disso suprime o sentido que concatena o mundo. A angústia leva direto ao Nada. Para Camus esta angústia tem um caminho certo: o suicídio. É no caminho para a compreensão filosófica do suicídio que o pensador francês conclui que dar fim à própria vida aponta para o abismo que se dá entre o homem e seu mundo, este abismo divisor ele o chama *absurdo*.

Mas o abismo absurdo conclama que atrás dele venham outras coisas, e é por isso que é abismal, porque não só divide homem-mundo como suga os sentidos que tal homem dava à vida. Atrás do absurdo caminham o *homem absurdo* e uma *liberdade absurda*. Um homem absurdo é aquele apaixonado pelo mundo, pois sabe que sua única liberdade é estar preso a ele. Quando aprisionado por essa libertação, que é a de saber que tudo o que um homem tem é o absurdo, ele não espera que a vida tenha qualquer sentido senão aquele que o próprio indivíduo lhe dá; nem espera que a vida lhe dê algo além do que já dá, mas a compreende como pura doação. É aí que nasce sua paixão pela vida, pela terra, pelo erro, pelo absurdo. E numa única frase Camus desfaz todas as nossas crenças de felicidade e bem estar ao dizer que “é preciso imaginar Sísifo feliz.” Após descrevê-lo em seu castigo eterno colado àquela pedra inóspita e ainda assim supor que ele, Sísifo, seja feliz, é no mínimo perceber que Camus está subvertendo o conceito de felicidade. Não se trata da felicidade risonha da gargalhada (mas também passa por ela), se trata da felicidade criadora, corajosa, daquela que nos põe em prontidão. A alegria é uma coragem contra tudo o que mata a vida, contra tudo o que a desanima, que tira a alma.

A seguir, o absurdo, já que caminha para o Nada, caminha juntamente para uma impossibilidade e incapacidade de dizer. Tratamos o Nada como a experiência espantosa com a realidade. Esta experiência cata porém não acha forma certa para se expressar. O pai de *A Terceira Margem* é a expressão mais clara deste Nada, o lugar onde dizer fica quase indecente, explicar é quase se culpar, justificar é o mesmo que ser devedor. Então se cala. Inefável é compreender unidade e multiplicidade, a força motriz do mistério de existir. É quando fora da caverna se vê a luz do sol, e que aquela luz que alumia a caverna vinha dele. Tudo está reunido e tudo está separado, é a luz quem permite ver a totalidade e cada coisa.

O Nada é na verdade uma libertação. O caminho que o homem faz se encaminha para lá, o Nada é a possibilidade, o por-fazer, poder-ser. É o sempre-se-fazendo, o sempre sendo poeta de si mesmo e criador de si. O Nada aponta para a liberdade que nós mesmos já somos. A obra em progresso que somos desde sempre. E se ser homem é pura possibilidade, então criar a vida é executar a liberdade em forma de destino. Destino como envio desde o presente. É isso que leva o indivíduo para a escolha que se faz a todo momento, e a solidão é o que o abriga. A solidão fala do homem autêntico e autônomo, que reconhece suas questões e não as herda. Um homem preso e amante da terra, que ama o presente. Não o presente do relógio. O presente quer dizer aquilo que se presentifica, presença que se faz e está; todo aparecer, todo surgir, todo nascer e morrer, tudo isto a que chamamos destino, que vem desde o presente sempre ao nosso encontro nos impulsionando para uma sucessão de presenças. Seja passado ou futuro a realidade das coisas sempre é presente. E é a partir deste apresentar de cada coisa que lidamos com elas.

O que Camus quis dizer ao falar que é preciso imaginar Sísifo feliz foi simplesmente o que disse e nada mais. Sísifo no alto de sua montanha rolando sua pedra e amando seus dias é o *amor fati* em estado de realização.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/ thesaurus. atual e revista.* 2.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica de Aristóteles.* Edição Trilingue, trad. Valentín García Yebra. Madrid : Gredos, 1998.

_____. *A política.* trad.: Nestor Silveira Chaves. 2.ed. Bauru: Edipro, 2009.

A Bíblia de Jerusalém. 8. Ed. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito.* Petrópolis: Vozes, 2009.

BORNHEIM, Gerd. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais.* 3.ed. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Sartre.* São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Os filósofos pré-socráticos.* 14.ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2010.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita.* Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA ADÉLIA PRADO. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 9, 2000.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito.* São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRISVILLE, Jean Claude. *Albert Camus.* Lisboa: Presença, 1962.

CAMUS, Albert. *A peste.* Ed.7. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record.

_____. *A morte feliz.* Ed. 6. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2013

_____. *O exílio e o reino.* Ed 8. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. *O homem revoltado.* Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *O mito de Sísifo.* Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010. 8 ed.

_____. *O estrangeiro.* Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 2010. 31 ed.

_____. *A queda.* Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. 4.ed. Rio de Janeiro: Record.

- _____. *Núpcias. O Verão*. Tradução: Vera Queiroz da C. e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. *L'étranger*. Gallimard, 1942.
- _____. *Le premier homme*. Gallimard, 1994.
- _____. *Essais d'Albert Camus*. Introduction par R. Quilliot, textes établis ET annotés par R. Quilliot et L. Faucon. Paris: Galimard e Calmann-Lévy, 1965
- CASSIN, Barbara. *Aristóteles e o lógos*. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: edições Loyola, 1999
- DREYFUS, Hubert L. ; WRATHALL, Mark A. (Org.). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução Cecília Camargo Bartolotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.
- DETIENNE, Marcel. *Mestres da verdade na Grécia arcaica: como abertura de volta à boca da verdade*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- FOGEL, Gilvan. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1998
- _____. *Que é filosofia?- Filosofia como exercício de finitude*. Aparecida: Idéias e Letras, 2009
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. Annablume, 2008.
- _____. *A história do diabo*. Annablume, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)
- _____. *Que é metafísica?* Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)
- _____. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel C. Leão, Fogel, G., Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica (Mundo-Finitude-Solidão)*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Forense Universitária, 2006.
- _____. *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

KIERKEGAARD, S. *O desespero humano (doença até a morte)*. Trad: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. *O desespero humano*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

_____. *Temor e tremor*. trad.: Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

KOLAKOWSKI, Leszek. *Horror metafísico*. Tradução: Aglaia D. Perosso C. Castro. Campinas, SP: Papirus, 1990.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUPPÉ, Robert de. *Camus*. Editions Universitaires, Paris, 1963.

MALAFAIA, Daniel. *Camus sob a máscara de Dioniso*. Editora Ilustração, 2009.

MARTINS, André, SANTIAGO, Homero, OLIVA, Luis César. *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAUROIS, André. *De Proust a Camus. Vida e obra dos escritores franceses do século XX*. Tradução: Fernando Py. Nova Fronteira, 1965.

MARQUES, Marcelo Pimenta. *O caminho poético de Parmênides*. São Paulo: Loyola, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Viagem/ Vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Roberto Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORAES, Alexandre Santos de. *O ofício de Homero*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

NOVAES, Adauto (Org). *Mutações: O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2014.

NUNES, Benedito. *No Tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Loyola, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 5 ed.

_____. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac naify, 2012.

_____. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PLATÃO. *A república*. trad.: Pietro Nasseti. 7.ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 32.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *O coração disparado*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *O pelicano*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *A faca no peito*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Oráculos de maio*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. *A duração do dia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. *Miserere*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ROSA, J. Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005

RAMOS, Flamarion Caldeira. *Absurdo e revolta em Camus*. Integração. Ano XIII no 49 abr/mai/jun, 2007, p.177-183. Disponível em: <<http://www.usjt.br/prppg/revista/index.php>> Acesso em: 24 jun. 2015.

ROGUE, Christophe. *Compreender Platão*. tradução: Jaime A. Clasen. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *Situações I: crítica literária*. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac naify, 2012.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. *A Náusea*. Trad.: Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Trad. A. F. Rocha. Rio de Janeiro : Ediouro.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

VICENTE, José João Neves Barbosa ; GONTIJO, Frances Deizer. O absurdo e a revolta em Camus. *Revista Trias*, Revista eletrônica online de Filosofia, Historia, Literatura e Ciências Sociais. Ano I n. 3 jul./dez.2010, p 1-10. Disponível em: <
<http://revistatrias.pro.br/index.php>> Acesso em: 24 jun. 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Movimentos de pensamento: diários de 1930-1932/ 1936-1937*. tradução: Edgard da Rocha Marques; editado por Ilse Somavila. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Tópicos).